ISSN 2359-053x

ANO 6 - NÚMERO 71 - SETEMBRO 2020

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$15

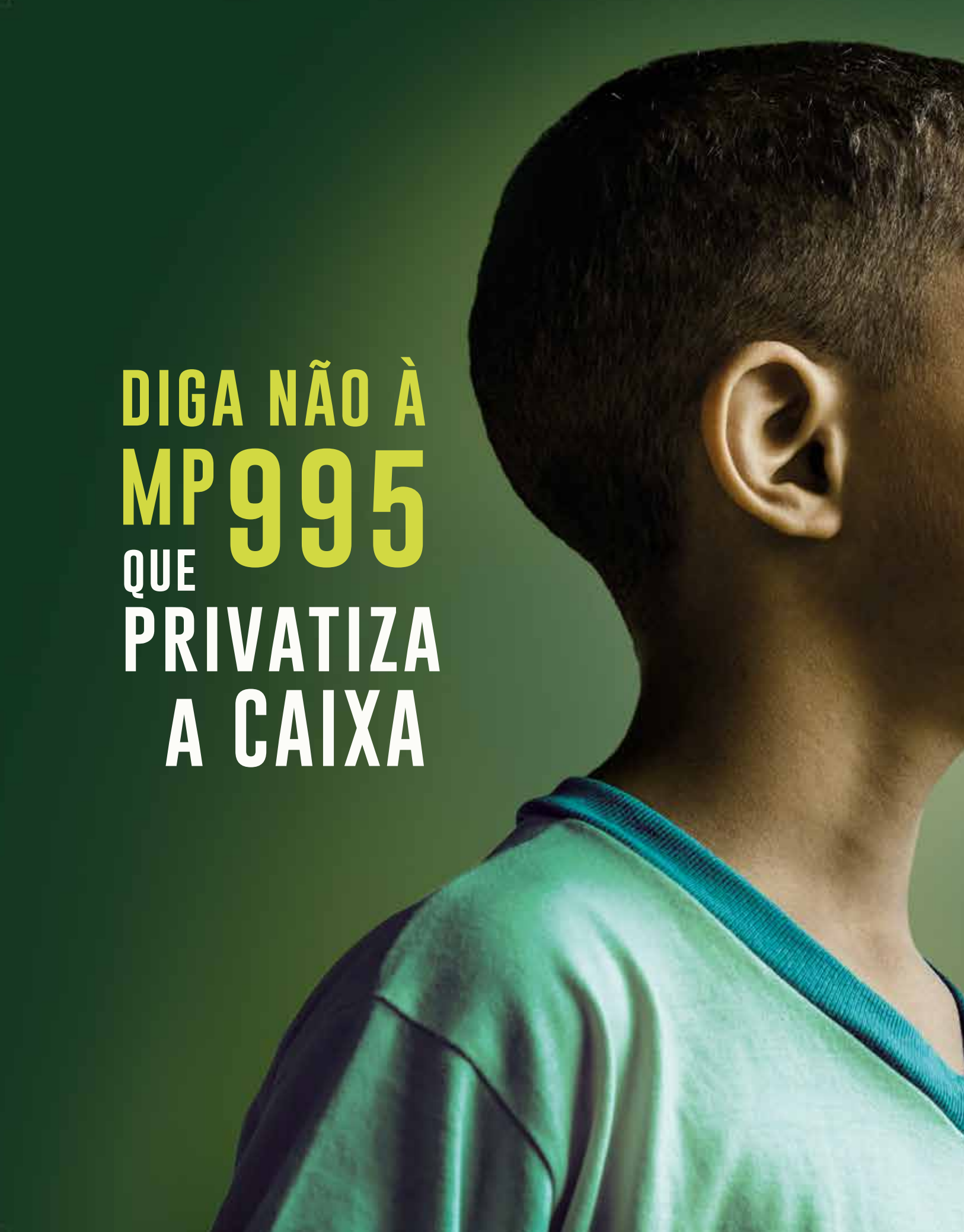
CERRADO: SÍNTESE DE UMA PRÉ- HISTÓRIA

p. 08

SOLIDARIEDADE
Abelhas nativas: abelhas sem ferrão
p. 16

MEIO AMBIENTE
Chico Mendes e "eles"
p. 32

SAGRADO INDÍGENA
De que lugar se projetam os paraquedas?
p. 44


DIGA NÃO À
MP 995
QUE
PRIVATIZA
A CAIXA

#MEXEU
COM a
CAIXA
MEXEU
COM o
BRASIL
CONTRAF
FENAE

> **Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar.**
> Dom Pedro Casaldáliga

COLABORADORES/AS - SETEMBRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Clara Roman** – Jornalista. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer Gráfico. **Ieda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Jesco von Puttkamer** – Fotógrafo Indigenista. **José Gil Barbosa Terceiro** – Folclorista. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleytton Moraes** – Líder Sindical. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Marcio Camilo** – Jornalista. **Pedro Tierra** – Poeta. **Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno** – Escritor. **Ricardo Stuckert** – Fotógrafo. **Silvia de Melo Futada** – Jornalista. **Thiago de Mello** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista. **Agamenon Torres Viana** – Sindicalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Andrea Matos** – Sindicalista. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Fernando Neto** – Advogado. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Graça Fleury** – Socióloga. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleitton Morais** – Sindicalista. . **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Lucélia Santos** – Atriz. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Trajano Jardim** – Jornalista.

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Cerrado: Síntese de uma Pré-História. Todo setembro, celebramos o Cerrado com uma matéria de capa para, assim, chamar a atenção para as ameaças que pairam sobre este nosso bioma da resistência.

Neste setembro de 2020, compartilhamos com vocês este antológico texto do professor Altair Sales Barbosa sobre a pré-história das populações que iniciaram o povoamento das áreas interioranas do continente sul-americano.

Uma viagem e tanto, que vai desde a aurora da ocupação humana, ainda no Pleistoceno Superior, passando pelos processos culturais associados à ocupação inicial, até chegar à ocupação do Cerrado por horticultores de aldeias, registrando, assim, os intensos movimentos humanos no processo de ocupação desse nosso quinhão do planeta.

Esta edição traz também uma homenagem ao grande guerreiro Aritana, produzida pela equipe do site Amazônia Real, um curioso texto do Thiago de Mello sobre os nomes do rio Amazonas, a deusa Durga no Universo Feminino e muito mais.

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Achei vocês! Agora eu também sou Xapuri!
Ana Paula Sabino– Brasília – DF

Parabéns, equipe Xapuri, pelas lives, elas nos dão verdadeiras aulas de Brasil profundo.
Jair Ferreira – Brasília – DF

Excelente a matéria de capa da Xapuri 70 sobre o racismo. Vidas Negras Importam!
José Celestino da Silva – Salvador – BA

Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri
@photospmedeiros!

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

08 **CAPA**
Cerrado: síntese de uma pré-história

20 **CONJUNTURA**
Deixemos o pessimismo para tempos melhores

15 **AMAZÔNIA**
Os nomes do rio Amazonas

22 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Juventude negra: reagir à violência é o caminho

16 **BIODIVERSIDADE**
Abelhas nativas: abelhas sem ferrão

25 **FORMOSA**
Wert Alvarenga: gente Formosa!

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28 **PERFIL**
O meu bom destino

30 **GASTRONOMIA**
Empadinhas à moda Teresinha Resende

32 **MEIO AMBIENTE**
Chico Mendes e "eles"

34 **SAÚDE**
"Se morrer um, é uma história, uma vida"

37 **LITERATURA**
Viola

38 **MEMÓRIA**
Covid-19 leva Aritana Yawalapiti, o diplomata do Alto Xingu

41 **MITOS E LENDAS**
Ekambupi

44 **SAGRADO INDÍGENA**
De que lugar se projetam os paraquedas?

46 **SUSTENTABILIDADE**
Francisco de Assis e Francisco de Roma

48 **UNIVERSO FEMININO**
Deusa Durga! Deusa Mãe!

CERRADO: SÍNTESE DE UMA PRÉ-HISTÓRIA

Altair Sales Barbosa

Foto: Acervo Altair Sales Barbosa

O Cerrado exerceu papel fundamental na vida das populações pré-históricas que iniciaram o povoamento das áreas interioranas do continente sul-americano. Entretanto, a realidade é bem diferente disso, como comprova a enorme desigualdade socioeconômica existente em nosso país. O indígena que não foi morto sempre foi perseguido ou isolado. O negro veio contra sua vontade, acorrentado, e após libertado foi morar nas periferias e grotões, sem estudo nem trabalho. E a elite é todinha branca, descendente de europeu – ou diz que é.

No Sistema do Cerrado, essas populações desenvolveram importantes processos culturais que moldaram estilos de sociedades bem definidos, em que a economia de caça e coleta imprimiu modelos de organização espacial e social com características peculiares.

Os processos culturais indígenas, que se seguiram a esse modelo, trouxeram pouca modificação à fisionomia sociocultural e, embora ocorresse o advento da agricultura incipiente, exercida nas manchas de solo de boa fertilidade natural, existentes no Cerrado, a caça e a coleta, em particular a vegetal, ainda constituíam fatores decisivos na economia dessas sociedades.

A AURORA DA OCUPAÇÃO HUMANA – AINDA NO PLEISTOCENO SUPERIOR

O registro da pré-história sul-americana demonstra intensa movimentação adotada por populações humanas nos sistemas andinos e pré-andinos, principalmente a partir de 12.000 anos A. P.

Essa movimentação coincide com mudanças ambientais maiores de cunho continental, com matizes localizadas, responsáveis por entropias nos sistemas físicos e culturais até então estruturados e por flutuações no espaço por parte desses sistemas, culminando com a redução de áreas com savanas e início de desertificação em certos setores, fatos que acentuam o processo de redução faunística, principalmente a fauna de gigantes na parte centro-norte ocidental do continente.

Parece claro que essas movimentações humanas estejam relacionadas com modificações de ordem ambiental, mesmo que essas sejam mediatizadas pela cultura. Os sistemas culturais são de certa forma desestruturados, e as populações são impulsionadas a buscarem novas formas de planejamento ambiental/social e novas alternativas de sobrevivência.

Nesse contexto, as áreas abertas, representadas especialmente pelo cerrado ainda existente em manchas significativas nos baixos chapadões da Amazônia, devem ter exercido papel fundamental no favorecimento de novas expectativas de sobrevivência e novos arranjos culturais, desencadeando os processos iniciais de colonização das áreas interioranas do continente.

Essa colonização deu-se preferencialmente em áreas de formações abertas. O início acontece de forma acanhada, mas algum tempo depois já era possível constatar a formação de um horizonte cultural fortemente adaptado às novas condições ambientais, principalmente quando se aproxima da grande área *core*, das formações abertas, existentes nos chapadões centrais brasileiros, cujas características físicas e biológicas mantêm-se com alterações pouco significativas quando comparadas com modificações que afetaram outros ambientes continentais durante o Pleistoceno Superior e nas fases iniciais do Holoceno.

Os estudos sobre a indústria lítica que compõe esse grande horizonte cultural que se forma no Cerrado, quando comparados com outros sobre as indústrias líticas do continente, situadas mais a oeste e mais recuadas temporalmente, parecem demonstrar que alguns traços tecnológicos são mantidos, porém aperfeiçoados de forma *sui generis*, originando uma indústria também bastante singular e assustadoramente homogênea. Processo quase que similar ocorre com relação à economia de subsistência.

De onde vieram esses povoadores iniciais é um problema para o qual ainda não se tem muita clareza, mas algumas áreas do oeste merecem mais atenção que outras, porque podem ter funcionado como centros dispersores. O estudo comparativo de variáveis bem definidas inevitavelmente conduzirá a algumas respostas.

Nesse sentido, o horizonte cultural que se formou nas Savanas e Formações Xerófilas, na área andina, representado principalmente pelas áreas nucleares de El Abra e Ayacucho, onde pesquisas das formações abertas já apontam elementos muito significativos, devem converter-se num ponto de investigação inicial.

Entre 12.000 e 11.000 anos A. P., dois sistemas ocupacionais bem definidos já estão definitivamente implantados no interior do continente. Trata-se da área nuclear do Vale do Guaporé, nas quebradas do planalto brasileiro, cuja cobertura vegetal é caracterizada pelo cerrado, e a região das coxilhas gaúchas, cujas ocupações se relacionam com as ocupações das estepes patagônicas, formando com essa um horizonte cultural descontínuo.

As ocupações das coxilhas gaúchas não demonstram nenhum tipo de relacionamento com as ocupações que se instalam imediatamente no cerrado dos chapadões centrais do Brasil. Pelo contrário, estão mais relacionadas com as ocupações das estepes patagônicas, com processos evolutivos similares e muito diferentes dos processos adotados ou desenvolvidos pelas ocupações que formam o Grande Horizonte Cultural do Cerrado.

Já as ocupações do Vale do Guaporé guardam ligeiras relações tanto com as ocupações mais antigas das savanas localizadas mais para oeste como com as ocupações localizadas no cerrado do leste, instaladas em épocas ligeiramente mais recentes. A indústria lítica demonstra certa transição evidenciada por uma desestruturação e por uma posterior adaptação exitosa.

Assim, de acordo com os dados disponíveis até o presente momento, envolvendo amostragem significativa em Mato Grosso do Sul, quase a totalidade de Goiás, grande parte do Tocantins,

oeste da Bahia e grande parte de Minas Gerais, a ocupação efetiva do interior do continente sul-americano, inicia-se com a implantação do Horizonte do Cerrado, a partir de 11.000 anos A. P.

Esse horizonte é caracterizado por uma indústria lítica muito homogênea, que constitui a Tradição Itaparica, intimamente ligada às formas de exploração do cerrado, com mecanismos adaptativos responsáveis por um sistema econômico que perdura por dois mil anos quase sem alteração, a não ser aquela decorrente da migração.

As populações dominadoras da técnica que criaram a indústria que constitui a Tradição Itaparica colonizaram uma área de grandeza espacial com cerca de dois milhões de quilômetros quadrados: desde Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, até áreas com cerrado no oeste da Bahia, norte e oeste de Minas Gerais e áreas com enclaves de cerrado em ambientes dominados por caatingas do nordeste brasileiro, notadamente Pernambuco e Piauí.

Essas localidades, em conjunto, revelam o alcance dessa Tradição e a maneira homogênea de organizar o espaço, bem como a importância que o Sistema Biogeográfico do Cerrado exerceu nesses processos iniciais de ocupação por populações humanas.

OS PROCESSOS CULTURAIS ASSOCIADOS À OCUPAÇÃO INICIAL

O panorama do povoamento das áreas centrais do continente sul-americano começa a se definir a partir de 11.000 anos A.P. e, para tal, contribui em muito o advento, no Planalto Central do Brasil, de um complexo cultural denominado pela arqueologia "Tradição Itaparica".

Há 10.000 anos, essa tradição está implantada sobre toda a extensão de cerrado. É quase certo que ela cobriu a área do Cerrado dos chapadões centrais do Brasil e suas extensões. Pelos processos a que está associada, sua implantação na área representa um marco referencial de fundamental importância para compreender os processos culturais que caracterizam o alvorecer do povoamento humano nas áreas centrais da América do Sul.

Por volta de 9.000 anos A. P., ou um pouco mais tarde, essa cultura perde suas características básicas, representadas pela adoção de artefatos bem trabalhados, e se transforma em indústria de lascas, com poucos retoques, assinalando uma nova tendência à especialização.

Os estudos arqueológicos têm demonstrado uma íntima relação entre a cultura da Tradição Itaparica e a área do Cerrado. O nível dessa relação é evidenciado não só pelo manejo paleoecológico, mas também pelos restos de alimentos associados a essa cultura, encontrados nas escavações arqueológicas, e pela própria distribuição dos sítios arqueológicos.

A compreensão dessas afirmações é mais clara quando associada ao panorama da pré-história do continente e da configuração paleoambiental que imediatamente antecedeu a formação da cultura da Tradição Itaparica no centro do Brasil.

A revisão da pré-história da América do Sul revela a existência, em períodos anteriores ao povoamento do interior do Brasil, de um Horizonte Cultural que atuava em áreas de savanas e outras formações abertas, estabelecidas em áreas do leste Andino, ou tendentes a essa orientação, e quase à borda da área nuclear da vegetação de cerrado dos chapadões baixos da Amazônia.

Esse horizonte cultural, que recebe a denominação de "Horizonte Descontínuo das Savanas e Formações Xerófilas", ocorre na área, de forma não homogênea, desde aproximadamente 15.000 até 12.000 anos A.P.

Suas principais categorias espaciais são representadas por El Abra, Ayacucho e Guitarrero I, que englobam um conjunto de complexos culturais similares, que caracterizavam um sistema de coleta e caça, no qual os animais de grande porte, atualmente extintos, constituíam uma alternativa alimentar de grande importância.

A observação sobre a formação desse horizonte e sua configuração espacial e temporal demonstra uma fase de implantação situada entre 15.000 a 14.000 anos A.P., acompanhada por uma fase de expansão que caracteriza o período de 14.000 a 13.000 anos A.P., fase esta que é seguida por fragmentação de algumas áreas, provocada por migrações para leste e que caracteriza o período de 13.000 a 12.000 anos A.P.

A partir dessa época, a principal área cultural ainda habitada das savanas colombianas fragmenta-se, propiciando migrações para o interior do continente.

O desaparecimento desse horizonte coincide com uma época de grande instabilidade climática que marca o limite entre o Pleistoceno e o Holoceno. Coincide também com o início do avanço das áreas florestadas sobre áreas de caatinga nas depressões e áreas de cerrado nos baixos platôs da Amazônia.

Essas significativas mudanças do clima e seus reflexos nos ambientes, certamente, intuíram nas populações humanas aí estabelecidas a necessidade de se buscarem novas alternativas e planejamento de subsistência, o que implica novos arranjos sociais. Esse fenômeno não parece ser exclusivo das populações que constituem esse horizonte cultural.

Muito pelo contrário, a revisão da pré-história do continente demonstra intensos movimentos ocorridos nessa época nas áreas povoadas do oeste. Esse período coincide também com o agravamento de um processo de drástico empobrecimento qualitativo e quantitativo, representado por uma grande extinção da biomassa de megafauna.

Por volta de 12.000 ou, quando muito, 11.000 anos A.P., os ecossistemas tropicais já se mostravam bastante alterados em relação à composição faunística. O rareamento da biomassa de megafauna afetou a subsistência de agrupamentos humanos, impulsionando-os para a busca de novas alternativas e para o desenvolvimento de novos mecanismos de subsistência.

Um dos pontos de convergência, talvez o mais importante, era constituído pelas áreas de vegetação

Foto: Acervo Altair Sales Barbosa

de cerrado, já bastante reduzida, mas ainda existente à época, nos baixos platôs amazônicos, configurando-se na forma de faixas estreitas que se conectavam com a grande área *core* dos chapadões centrais do Brasil.

Nesse Sistema Biogeográfico, a concentração de recursos vegetais, associada a uma grande percentagem da biomassa animal representada por animais de médio e pequeno porte, constituiu-se uma fonte alternativa de singular importância para essas populações, que lentamente aperfeiçoaram um sistema de coleta e caça generalizadas.

A revisão da paleoecologia do continente, englobando o período situado entre o Pleistoceno Superior e o Holoceno Inicial, demonstra que os atuais sistemas biogeográficos representam fenômenos recentes e que esse período é marcado por grandes transformações, que representam uma revolução na composição biogeográfica do continente.

Há inúmeros estudos sobre paleoecologia do continente, para o referido período, que comprovam essa afirmação e evidenciam a existência de grandes áreas de vegetação aberta, onde hoje ocorre a floresta úmida amazônica.

Essas áreas de vegetação aberta eram caracterizadas pela ocorrência de caatinga, nas depressões, e cerrado, nas partes mais elevadas. Esses estudos evidenciam também que o Sistema do Cerrado dos chapadões centrais do Brasil foi o menos afetado pelas oscilações climáticas do Pleistoceno Superior e do Holoceno Inicial.

A chegada do Holoceno trouxe o recuo da glaciação, com todas as suas consequências: os ventos frios regrediram, com a diminuição das calotas glaciais e andinas, a corrente fria de Falkland se retraiu, a corrente quente do Brasil se esparramou pelo litoral nordestino.

E mais, com o derretimento do gelo, o nível do mar subiu e a temperatura e a umidade aumentaram, ocasionando a tropicalização do ambiente. Aparentemente, isso não aconteceu de forma unilinear, mas com oscilações que, no todo, representaram um aumento do calor, da umidade e do nível do mar, até alcançar o máximo no altitermal ou ótimo climático europeu, entre aproximadamente 8.000 a 4.000 anos A.P. Naturalmente, as condições gerais foram matizadas localmente por fatores diversos, dos quais o relevo parece ter papel saliente.

Provavelmente a vegetação continuou aberta durante todo o período; talvez no nordeste do Brasil, tenha se tornado ainda mais rala.

Com o aumento geral da temperatura e provavelmente um aumento mais lento da precipitação por volta de 9.000 a 8.000 anos A. P., talvez mais cedo no Piauí, instalou-se um período muito seco, responsável por mudanças técnicas na manufatura de instrumentos, como também culturais, e pela migração de populações.

Entre aproximadamente 11.000 e 8.500 anos A. P., indústrias de lâminas unifaciais, em que predominam furadores e raspadores terminais encabados, parecem formar um grande horizonte, cobrindo uma área que inclui Pernambuco, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e talvez parte de São Paulo.

Uma grande parte desses sítios pode ser incluída na chamada Tradição Itaparica. A economia é a de um caçador e coletor generalizado, que explora principalmente nichos diversificados.

Os assentamentos desse homem se dão em grutas ou abrigos calcários, areníticos ou quartzíticos, nos estados de Minas Gerais, Pernambuco, Piauí e no alto das colinas em Goiás.

Alguns desses sítios apresentaram longos períodos de permanência, como no sudoeste e centro de Goiás, porque os recursos eram abundantes, ao passo que a maior parte eram de acampamentos temporários.

Como nos locais geralmente estavam reunidos recursos minerais, vegetais e animais, em nichos diversificados, é possível que a maior parte dos acampamentos fosse de atividades múltiplas. Com uma certa frequência, aparecem sítios de apropriação e preparação de minerais, mas ainda não se tem notícia de sítios de matança de animais.

O regime alimentar desse caçador generalizado pode ser estudado com bastante precisão nos abrigos do sudoeste de Goiás, onde os restos alimentares são abundantes e bem conservados.

Os animais caçados são das espécies mais variadas e de todos os tamanhos, desde cervídeos, capivaras, macacos, tamanduás, tatus, tartarugas, lagartos, emas, todo tipo de aves e pequenos peixes; também se recolhiam ovos de emas. Os moluscos estavam ausentes nesse período, mas serão alimento básico no período seguinte.

Os animais classificados são todos de espécies holocênicas, não tendo aparecido até hoje nenhum exemplo de espécie extinta. Também apareceram caroços de frutos, principalmente de palmas. Esses alimentos provêm dos diversos ambientes que compõem os subsistemas do Cerrado.

Para outras localidades, as informações ainda são escassas, quer porque faltam os restos de alimentos, quer por não terem ainda sido analisados.

Sobre a captura da maior parte dos animais, não temos conhecimento se seria o dardo com ponta de pedra finamente trabalhada, característica dos caçadores de grandes gregários da mesma época, nas estepes americanas do Norte e do Sul, ou se outra técnica era utilizada.

O caçador do planalto e do nordeste do Brasil chegou a conhecer as pontas de pedra já no fim do período, mas elas aparecem muito esporadicamente, ao lado de pontas, também esporádicas, em osso.

Também os alimentos vegetais eram de tratamento fácil, sendo a maior parte frutos de consumo imediato, sem modificações notáveis, exigindo no máximo a quebra de noz das palmas para aproveitamento de suas amêndoas.

A transformação das outras matérias-primas, como pedra, peles, ossos, chifres, cascos, poderia exigir instrumentos mais acabados.

Os artefatos mais importantes e mais frequentes no contexto instrumental desse horizonte são unifaciais, isto é, têm uma face plana e não trabalhada, a outra convexa e transformada.

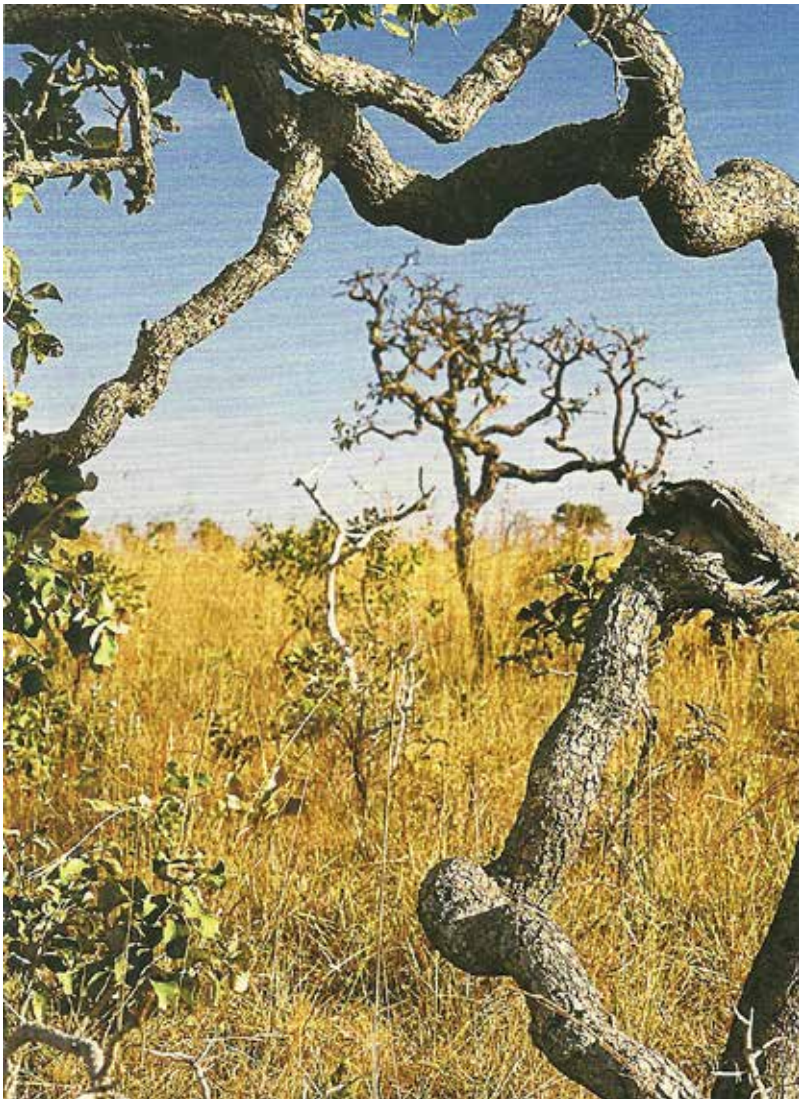
Uma grande parte é feita de lâminas, lascadas por percussão e retocadas por percussão ou pressão. Outras são feitas a partir de lascas. Serviam para as funções de cortar, furar, raspar, alisar, esmagar e quebrar.

Na terminologia dos arqueólogos, aparecem como raspadores, furadores, facas, talhadores, machados, alisadores ou mós, discos, quebra-cocos ou bigornas, bolas e percutores. Entre os cinco últimos, alguns são pisoteados ou alisados, o que representa uma utilização muito antiga dessa técnica de preparar artefatos de pedra.

Nos locais de ambiente rico e matéria-prima mineral abundante, como no sudoeste e centro de Goiás, os restos de artefatos e resíduos de lascamento podem chegar a centenas de milhares em escavações relativamente pequenas, e neles se pode acompanhar todo o processo de manufatura, desde o momento em que as lascas são desprendidas dos blocos, até sua redução e conformação como instrumento e sua rejeição depois de quebrado ou inutilizado.

As peças são grandes e bem acabadas. Na região de Lagoa Santa, pelo contrário, os artefatos são quase indistinguíveis dos detritos de lascamento, pela deficiência de rochas adequadas.

A matéria-prima desses artefatos e o local em que elas foram apanhadas estão ligados às disponibilidades locais. No sudoeste de Goiás, o quartzito ou arenito silicificado utilizados encontram-



se nas próprias paredes dos abrigos ou nos blocos deles desgarrados.

Já nos sítios sobre colinas, a matéria-prima provém dos seixos que recobrem seu topo e seus flancos e se origina da decomposição do arenito Furnas, no qual estavam incrustados como veios. Em outros lugares, geralmente a matéria-prima é selecionada entre os seixos transportados pelos rios.

Matéria-prima muito importante também são as peles, os ossos, os dentes e chifres dos animais caçados; por isso, os ossos da caça estão quebrados, cortados, apontados. Os ossos longos de cervídeos eram afinados para produzir espátulas.

Num clima mais frio, e para umvva população desabrigada, o abastecimento de lenha era importante, mas sem problemas. Em muitos lugares, os abrigos naturais são numerosos, e o homem os utilizou intensamente, sempre que ofereciam condições de habitabilidade, uma das quais era água próxima. Também acampava ao ar livre, principalmente em temporadas de pesca.

Na maior parte da área, mesmo nos tempos de seca, pode-se conseguir água boa, abundantemente, sem esforço, mas abrigos grandes foram rejeitados, temporária ou permanentemente, por falta desse líquido.

Pelo tipo, distribuição e quantidade de resíduos encontrados nos acampamentos, infere-se que os grupos

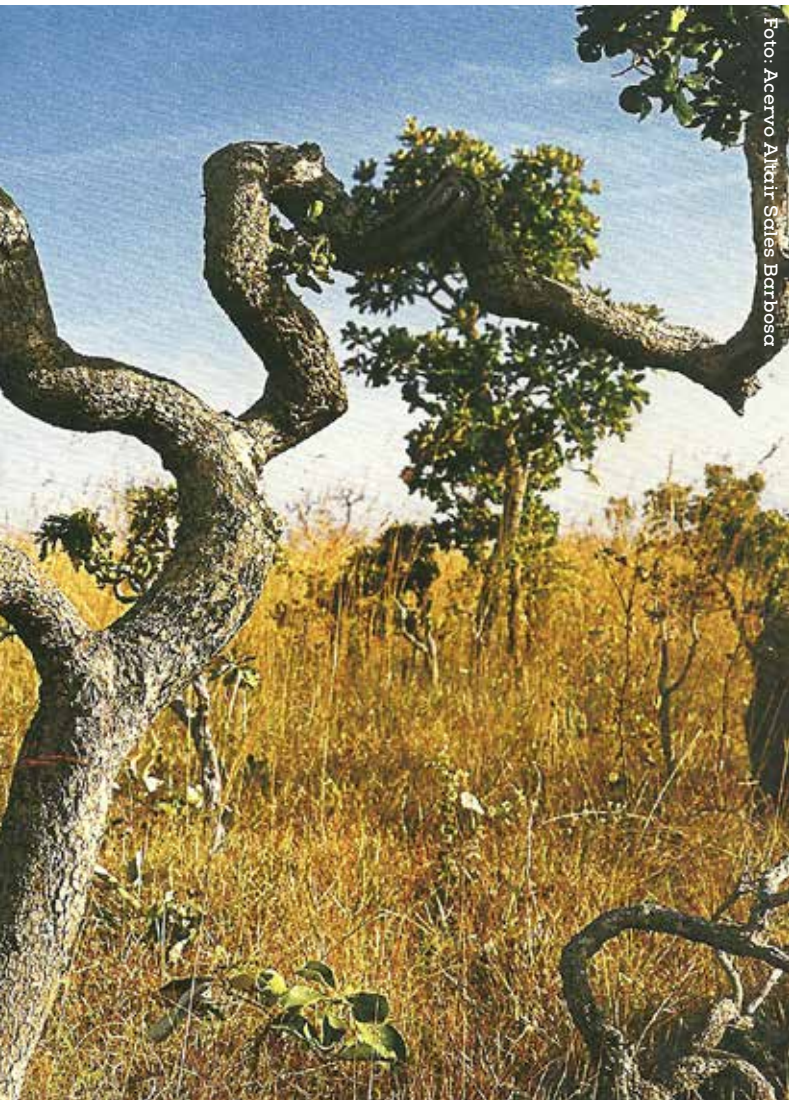


Foto: Acervo Altair Sales Barbosa

migrantes eram pequenos, compostos provavelmente por algumas famílias cada um, que se moveriam como bandos frouxos dentro de um espaço delimitado.

A OCUPAÇÃO DO CERRADO POR HORTICULTORES DE ALDEIAS

O Sistema Biogeográfico do Cerrado tem sido o palco no qual as populações indígenas desenvolveram culturas diferentes, em conformidade com suas origens, seu tempo histórico e suas possibilidades técnicas.

As condições ambientais encontradas pelos horticultores indígenas não parecem ter sido muito diferentes das conhecidas pelos primeiros colonizadores de origem europeia, e foram exploradas diferencialmente.

O Planalto Central já era ocupado desde 11.000 anos A. P. por uma população humana composta de caçadores e coletores. As etapas mais antigas da evolução desses homens pré-cerâmicos são mais conhecidas que as mais recentes, nas quais se transformariam em cultivadores e ceramistas.

Nos locais em que se encontram depósitos estratificados em abrigos, como em Serranópolis-GO, há uma descontinuidade entre as camadas do homem sem cerâmica e a do ceramista.

As próprias datas indicam um hiato muito marcado entre ambas as ocupações. Nas áreas onde as aldeias de ceramistas se levantaram ao ar livre, ainda não foram encontrados sítios pré-cerâmicos que pudessem apoiar estudos de transição cultural.

Dessa maneira, sem transição, aparecem no Sistema Biogeográfico do Cerrado grupos ceramistas e os cultivadores de plantas que os arqueólogos separam em quatro ou cinco tradições técnicas diferentes.

Essas classificações ainda são altamente hipotéticas e será necessário um longo trabalho de análise e comparação não apenas dos elementos cerâmicos e líticos, mas de todos os outros dados, para se obterem conhecimentos fidedignos sobre as populações, sua vida e sua história.

Os dados existentes até então são apenas indicativos e conjeturais. Mesmo cronologicamente, as informações se apresentam escassas, apoiando-se em um pequeníssimo número de datas de C-14, que não marcam nem o começo, nem o transcurso completo da ocupação. O apoio na Etno-história proporciona algumas hipóteses, ainda não testadas, com relação à continuidade desses cultivadores pré-históricos no período colonial.

Cronologicamente, o primeiro grupo ceramista, e provavelmente cultivador, é o denominado Fase Pindorama, estudada em abrigos do médio-norte do Tocantins, que atestam o uso de cerâmica ao menos já no século V a. C. (há duas outras datas, em camadas inferiores, de quase 2.000 anos a. C., para as quais não se pode assegurar plenamente o uso da cerâmica).

Essa data não deve causar estranheza, uma vez que proximamente, tanto no Pará (Tradição Mina, 3.000 anos a. C.), como em Minas Gerais (Tradição Una, 2.000

anos a. C.), a cerâmica já era usada. Como a pesquisa na área da fase Pindorama foi provisoriamente interrompida, não se pode avaliar o que representa o seu material, nem com relação à entrada da cerâmica e/ou da horticultura na região do médio Tocantins, nem com relação à sua continuidade em tempos coloniais.

A Fase Jataí, outro grupo reconhecidamente horticultor, cujos restos aparecem em numerosos abrigos de Serranópolis e Caiapônia, no estado de Goiás, poderia ser um invasor na área. Isso porque os seus refugos, acumulados desde 1.000 anos d. C., aparecem em descontinuidade com os restos dos últimos caçadores/coletores locais.

A Tradição Una, à qual a Fase é atribuída, encontra-se em direção leste até o mar, beirando sempre a fronteira meridional dos horticultores aldeões da Tradição Aratu/Sapucaí. Como as pesquisas publicadas sobre as áreas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são ainda escassas, não se pode nem especular sobre suas origens, que poderiam ser tanto orientais quanto ocidentais. Já eram cultivadores de numerosas plantas, entre as quais se destacam o milho e a mandioca.

Aparentemente, chegaram até a colonização europeia, mas supõe-se que sem ligação genética e/ou cultural com os horticultores que construíram suas aldeias a céu aberto, em áreas de relevo mais suave, e ocuparam áreas acidentadas, com predomínio de cerrado. A Fase Palma, no nordeste do estado de Goiás e sudeste do Tocantins, ao menos em alguns aspectos, assemelha-se à fase Jataí, inclusive na cronologia.

Os horticultores que constroem grandes aldeias a céu aberto junto à mata de galeria ou na mata contínua são divididos em três tradições técnicas e provavelmente culturais. A Tradição Aratu/Sapucaí, com dispersão geral mais oriental, tem sítios no centro-leste do estado de Goiás. Apesar de as datas só recuarem até o século IX, sua primeira ocupação deve remontar aos primeiros séculos de nossa era.

O seu lugar de origem também ainda é desconhecido, porém todos os indicadores levam a pensar numa economia com ausência de mandioca, mas provavelmente baseada em outros tubérculos e talvez o milho. Por não serem encontradas ocupações em abrigos, são desconhecidos os restos de suas plantas cultivadas e das nativas recolhidas. Eram populações numerosas e certamente desembocaram em grupos coloniais.

A Tradição Uru, com dispersão mais ocidental, apresenta marca dos aspectos técnicos amazônicos e parece ter chegado ao Planalto Central, um pouco mais recentemente que os horticultores Aratu/Sapucaí.

Sua origem também é desconhecida e todos os indicadores levam a pensar numa economia baseada no cultivo da mandioca e na pesca, mas, em concreto, desconhecem-se seus restos alimentares, que só poderiam ser estudados em abrigos. Eram populações numerosas e certamente desembocaram em grupos coloniais.

Finalmente, a Tradição Tupiguarani , além de um certo número de sítios na bacia do Paranaíba, tem apenas ocupações esparsas na bacia do Araguaia e mais rarefeitas ainda no resto do estado de Goiás, como se tivesse enfrentado dificuldades na ocupação do espaço, no qual dois outros grupos de horticultores aldeões já estavam fortemente estabelecidos.

Essa tradição pertence ao ramo do Sudeste. Também parece ter construído sua economia sobre a utilização de mandioca, dado a ser comprovado concretamente, através dos restos alimentares ainda desconhecidos. Sua expansão, excetuando talvez a bacia do Paranaíba, se afigura recente quando relacionada às duas tradições de aldeões anteriores.

Em resumo, nota-se a presença de grupos, aparentemente pouco numerosos, em áreas acidentadas, com domínio de cerrado *stricto sensu*, cujas habitações eram predominantemente os abrigos. Observa-se também a existência de grupos muito numerosos, em áreas abertas, com mata ou mata de galeria, com as aldeias nas colinas ou na beira dos rios e lagos. Ao que tudo indica, entre esses dois grandes grupos, os contatos parecem ter sido mínimos.

Sobre o modo como os diversos grupos exploravam o ambiente, dominavam o território e deslocavam suas aldeias, há uma boa amostra para uma das áreas mais densamente povoadas da tradição Aratu: o Mato Grosso de Goiás.

Sobre a produção simbólica preservada nas gravuras de lajedos e nas paredes dos abrigos, por enquanto existem alguns trabalhos descritivos que visam principalmente à documentação dos fenômenos antes que desapareçam, e não propriamente a sua compreensão.

O desconhecimento da biologia das populações, em parte porque não foram encontrados os restos correspondentes e em parte porque os raros esqueletos encontrados não foram ainda convenientemente estudados, é certamente uma das deficiências mais sérias.

Foto: Acervo Altair Sales Barbosa

Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador Convidado do Programa de Pós-Graduação da Unievangélica – Anápolis.

1. O termo "Tupiguarani" é utilizado para designar uma tradição ceramista (sistema classificatório usado pela arqueologia), diferentemente de "tupi-guarani", utilizado para designar uma família linguística

OS NOMES DO RIO AMAZONAS

Thiago de Mello

Este é o rio que Vicente Pinzon olhou em 1500, sem saber que ele já havia abandonado o Atlântico e ingressava na foz de um oceano de águas doces, que chamou Santa Maria de *La Mar Dulce*. Era o Amazonas, varado pela quilha das caravelas primeiras, chamado de Paraná-açu pelos índios que habitavam as suas margens.

Foram muitos os seus nomes:

Mar Dulce,
o rio de Orellana,
Maranõn,
o Guieni dos índios aruaques,
o Paranatinga,
o Paruaçu dos tupis,
San Francisco de Quito,
el rio de las Amazonas
o Grande Rio das Amazonas
até simplesmente Amazonas.

Thiago de Mello –
Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas – Águas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.

ABELHAS NATIVAS: ABELHAS SEM FERRÃO

Eduardo Pereira

O Brasil tem mais de 300 espécies de abelhas nativas. Também conhecidas como melíponas, nossas abelhas originárias formam seus ninhos em ocos nos troncos das árvores, se alimentam do pólen que elas mesmas extraem das flores e apresentam uma característica que é só delas, não têm ferrão.

Para sobreviver, elas dependem da conservação de seus *habitats* naturais, que são principalmente as matas e as florestas. Existem hoje muitas espécies ameaçadas, com algumas delas sobrevivendo apenas nos meliponários. Uma das alternativas para a conservação das abelhas sem ferrão é, portanto, a meliponicultura.

No Brasil, alguns estados do Nordeste, como Maranhão, Rio Grande do Norte e Pernambuco, têm polos bem sucedidos de meliponicultura, baseada na produção de mel por espécies locais, entre elas a jandaíra, a tiúba e a uruçu. Também são comuns nos meliponários, a jataí, a marmelada, a mirim-guaçu, a mirim-preguiça, a iraí e a mandaguari contribuem para a excelência da produção do mel nordestino advindo de abelhas originárias.

O Programa Nacional de Abelhas Nativas (PNAN), da Universidade Federal do Maranhão (https://portais.ufma.br), em parceria com a Amavida – Associação Maranhense para a Conservação da Natureza (https://www.amavida.org.br/), sistematizou uma lista dos principais tipos de abelhas nativas e de suas especificidades:

***Melipona scutellaris* –** uruçu, urussu, urussu-boi, irussu, eiruçu, iruçu: é uma abelha grande, famosa por seu porte avantajado, que poliniza culturas de abacate, pimentão e pitanga, e é encontrada na região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe). Na Bahia é uma espécie bastante explorada devido à facilidade de criação e à excelente produção de

mel. Embora esteja sendo amplamente distribuída para além de suas áreas limites por meio do tráfego ilegal, é reconhecida como ameaçada de extinção nas suas áreas de distribuição natural (fragmentos de Mata Atlântica do Nordeste).

***Melipona quadrifasciata* –** mandaçaia, mandassaia, mandasái, manassaia, amanassaia: essa espécie se adapta muito bem às regiões Sul e Sudeste do país e tem grande incidência em toda a Costa Atlântica. É uma abelha robusta que poliniza culturas de abóbora, pimentão, pimenta-malagueta e tomate.

***Melipona fasciculata* –** uruçu-cinzenta, tiúba, tiúba-grande, jandaíra-preta-da-Amazônia: as abelhas dessa espécie são também excelentes produtoras de mel, havendo registros de colônias estocarem até 12 litros por ano. Encontrada no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (Maranhão, Mato Grosso, Pará, Piauí, Tocantins), a espécie é importante na polinização de açaí, berinjela, tomate e urucum.

***Melipona rufiventris* –** uruçu-amarela, tujuba, tujuva: é comum nos estados da Bahia, de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, São Paulo e no Tocantins. Seu mel é muito saboroso, por isso muito procurado. Dependendo do tamanho da colônia, e em uma área de boa florada, conseguem produzir até 10 kg de mel ao ano. É uma espécie reconhecida como ameaçada de extinção, porque suas áreas naturais de distribuição (cerradão) estão desaparecendo.

***Nannotrigona testaceicornis* –** iraí: abelha indígena, pertencente à tribo dos Trigonini, é encontrada principalmente em zonas tropicais (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo). Também constrói ninhos em muros de concreto, blocos de cimento e tijolos, adaptando-se bem às áreas urbanas.

***Tetragonisca angustula* –** maria-seca, virginita, virgencita, angelita, abelha-ouro, mariita, mariola, jataí, españolita, inglesa, mosquitinha-verdadeira, my-krwàt, jimerito, ramichi-amarilla, moça-branca, jatahy-amarelo, três-portas, jatihy, jataí-pequeno, jatay, jaty, jatahy, mosquito-amarelo: abelha indígena, pertencente à tribo dos Trigonini, amplamente distribuída na América tropical (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Guianas, Suriname, Honduras, Nicarágua, Guatemala, Panamá, Costa Rica, México). É uma espécie que se adapta bem a ambientes urbanos. Talvez seja a mais criada nacionalmente, pela facilidade de adaptação em caixas e porque requer pouco espaço. Seu mel é denso e muito apreciado. A sabedoria popular indica o mel de jataí para o tratamento da visão.

Além de contribuir para a preservação das espécies e para a conservação da natureza, a criação racional de abelhas sem ferrão tem-se tornado uma excelente alternativa de geração de renda para a agricultura familiar, as nações indígenas, as comunidades quilombolas, extrativistas e para outros povos tradicionais.

Para quem quiser saber mais sobre abelhas sem ferrão, ou criar seu próprio meliponário, a Embrapa Meio Norte (https://www.embrapa.br) disponibiliza o folheto "Criação de abelhas sem ferrão", com informações sobre a escolha das espécies, a instalação e o cuidado com as colmeias, a produção de mel, além de citar bibliografia para mais consultas.

NOTA DA REDAÇÃO: Esta matéria foi publicada originalmente em nossa edição impressa 65, de março de 2020, com fotos da abelha africana e de seus favos de mel. Optamos por republicar a matéria com as fotos corretas, gentilmente cedidas por Fátima Carvalho, do Movimento Solidário em Belágua, no Maranhão, a quem agradecemos as imagens e a correção.

Eduardo Pereira
Sociólogo.
@weiss_guru

Fotos: Fátima Carvalho

DAS REMINISCÊNCIAS DE GERAIZEIRO À CONSCIÊNCIA DA LUTA PELO CERRADO

Kleytton Morais

Tido como o segundo maior bioma do Brasil e maior bioma da América do Sul, abrangendo um território de mais de 2 milhões de km², cerca de 22% do território nacional, o Cerrado é considerado hotspot mundial de biodiversidade. Também conhecido como berço das águas, ele abriga as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul. Todavia, esta riqueza ainda é desconhecida por muitos brasileiros.

O Cerrado é um dos biomas mais atingidos pelo desmatamento causado pela expansão pela (ir)racionalidade econômica que, desde a década de 1970, é impulsionada por sucessivos projetos e governos. Por exemplo, a política de Estado de estímulo ao plantio de maciços de eucalipto, na década de 1970, foi a partir do arrendamento de terras tidas como desocupadas a empresas e, no período mais recente, a introdução da pecuária e das monoculturas de soja e milho, duas das principais commodities de exportação da economia brasileira, que causam alterações ambientais severas, como a perda de biodiversidade e a escassez de água.

Tais ações impactam a savana brasileira como nenhum outro bioma: foi cortado pela metade. E o desastre segue, desta feita com a implementação do projeto Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia).

Os prejuízos trazidos ao sistema Cerrado, aqui entendido o biológico, geográfico e cultural, causam grandes impactos ambientais, no mais das vezes irreparáveis, e empobrecem a população das comunidades que nele habitam, sobretudo os povos tradicionais: agricultores(as) familiares, quilombolas, indígenas, extrativistas, dentre outros. As consequências dessa insustentável lógica – frente ao avanço do agronegócio –, é mais êxodo rural, um grave problema social para o Brasil.

A sustentabilidade é essencial neste momento. Há exatos três anos, ainda trabalhando na Fundação Banco do Brasil, assessoramos o projeto Recupera Cerrado, um acordo de cooperação com a Secretaria de Meio Ambiente do DF, o Serviço Florestal Brasileiro e o Instituto Brasília Ambiental (Ibram). À época, o DF sentia os reflexos da crise hídrica e, por isso, sua assinatura representava também um marco. A lógica do projeto é a de

preservar as áreas de recarga hídrica, visto que as principais bacias hidrográficas da América do Sul – a Platina, a Amazônica e a do Rio São Francisco têm aqui neste bioma suas nascentes.

De outro lado, destacamos a importância da Estação Ecológica de Águas Emendadas, no extremo nordeste do DF. A reserva, com quase 11 mil hectares, abriga as nascentes e cursos d´água que abastecem tanto a bacia do Tocantins como a do Paraná.

A Fundação Banco do Brasil atua há alguns anos com recuperação ambiental nas bacias hidrográficas do DF por meio do programa Água Brasil e do projeto Rio São Bartolomeu Vivo. Há ainda outros programas voltados para a promoção e preservação do Cerrado, como a Rede Cerrado.

Mais recentemente, a FBB é responsável pelo projeto Recupera Cerrado, uma espécie de bônus ambiental para as empresas que em suas atividades principais são devedoras do meio ambiente e, por imposição legal, precisam realizar a compensação ambiental que, neste caso, se dá a partir da atuação organizada e estruturada pelo pessoal da Fundação do Banco do Brasil que, em seu escopo de atuação, estimula a disseminação de soluções sustentáveis para geração de emprego e renda, prioritariamente voltadas para os públicos de quilombolas, indígenas, pequenos agricultores, catadores de materiais recicláveis etc. e, a partir do prêmio tecnologias sociais, como também desenvolvendo projetos iniciais que, potencializados, transformam-se em políticas públicas, a partir das premissas de respeito cultural, sustentabilidade e replicabilidade a baixos custos.

Portanto, um laboratório de ações possíveis para harmonizar em outro paradigma atividade econômica e sustentabilidade. Nessa perspectiva, inserem-se ainda projetos como o Balde Cheio, Barraginhas e o Sistema de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta, Tecnologia Social reconhecida pela Fundação Banco do Brasil que proporciona ganhos econômicos, ambientais e sociais, possibilitando ao produtor produzir alimentos, carne e leite, e ter ainda uma floresta ou pomar, tudo isso em uma mesma área agricultável.

A ATUAÇÃO ARTEIRA: SENSÍVEL E MILITANTE

Outro Projeto que destacamos é o Salve o Cerrado. Fruto da mobilização de diversos artistas para a conscientização da importância do Cerrado e da sua preservação. O movimento é explicado pelos músicos Tiago Mória e Atan Pinho e une música, fotografia, artes plásticas e educação ambiental em prol da preservação do Cerrado.

A ideia do projeto inicialmente era apenas a gravação de um disco (eles já têm 14 músicas produzidas), a partir da percepção de que muitos artistas locais já homenageavam o bioma. Hoje, o projeto conta com artistas plásticos, fotógrafos e comunicadores.

A ideia é juntar gente que se interessa pelo tema, fazer uma frente ampla e chamar atenção para a questão. Pessoas afins e que tragam o amor ao habitat e a preocupação com o futuro, numa perspectiva ambiental.

MINHAS MEMÓRIAS E O DIREITO ÀS GERAÇÕES

Geraizeiro que sou, sim, minha queridíssima Santa Maria da Vitória é região de transição entre o Cerrado e a Caatinga, não posso deixar de lamentar o sentimento que nos toma ao ver a vazão do rio Corrente se esvair. Ele que é dos afluentes mais importantes do Rio São Francisco. E tudo por conta do que ocorre a cima do rio: fruto da ganância incomensurável do agrobusiness, que decompõe a paisagem num tapete verde ilusório de venenos vegetais que não matam nem a fome que há na terra, tampouco alimentam tanto a gente como pregam.

É preciso teimar e assim inventar novos caminhos, entrincheirar com alinhados, para que minhas filhas e netos e os de vocês possam viver o que na memória trago, imagens das primeiras chuvas, quando enveredávamos mato adentro nos gerais à procura de cajus, jatobás e cagaitas. Que maravilha indescritível de cheiros, delícias!

À frente do Sindicato dos Bancários de Brasília, espaço importante de mobilização e feituras, que pode muito, mas não pode tudo, com minhas companheiras e companheiros, assumo e pretendo lançar à categoria o compromisso com ações concretas e simbólicas em defesa do Sistema Cerrado.

De imediato, integrarmos às Campanhas em Defesa do Cerrado apoiadas por organizações e movimentos sociais que buscam a valorização da biodiversidade e das culturas dos povos e comunidades do Cerrado. E, numa construção mediata, inserir em nosso planejamento estratégico, em estrito diálogo com a categoria, adotar para o ano uma área para reflorestamento e cuidado a partir de iniciativa consorciada dos bancários, outras categorias e entidades.

Ações e massa crítica fundamentais e urgentes para combater a "passagem da boiada" que hoje, além do Cerrado, queima o Pantanal e a Amazônia.

Kleytton Morais- Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

DEIXEMOS O PESSIMISMO PARA TEMPOS MELHORES

Emir Sader

Fotos: Ricardo Stuckert

Ninguém como Lula conhece a importância do trabalho de transformação da consciência política do povo, ele, que dedica sua prática política em grande medida a isso, como o melhor comunicador de massas que temos. Quem não vive essa experiência de massas corre o grave risco desse tipo de réplica, de quem nunca viveu o trabalho de conscientização do povo, no meio do povo, vivendo suas realidades.

Pelo visto, olhado de fora do Brasil, o país parece pior ainda. Se desenvolve uma visão pessimista, desalentadora, de quem não consegue apreender a realidade nos seus componentes contraditórios, que o compõem inerentemente. Quem viveu outros momentos de retrocesso no Brasil aprendeu da realidade como se pode reverter situações negativas.

O próprio Lula começou sua atividade política em plena ditadura, foi protagonista essencial na reversão daquelas condições. O otimismo é inerente à militância política, que sempre acredita que a prática política de massas pode reverter as derrotas e abrir horizontes mais favoráveis.

Nunca as situações difíceis demoraram décadas para serem revertidas. Essa é uma postura psicologista, que pode levar pessoas a se desmoralizarem, até a sair do país (falar de séculos é uma demonstração do psicologismo).

Realmente o país nunca viveu uma situação tão difícil como esta. Qualquer um tem o direito, aqui ou lá fora, de manifestar seus estados de ânimo. Mas transformar isso em posição e previsão política é um grave erro político e tem um papel negativo, pela sua posição unilateral, redutiva, com um forte peso subjetivo, de quem não conhece a realidade concreta.

Se acumulam hoje no Brasil uma crise econômica que, de recessão já no fim do primeiro ano do governo atual, se transformou em depressão econômica, sem que exista nenhum movimento que possa levar à superação dessa situação. Uma crise social, já existente antes da pandemia, quanto havia 12 milhões de desempregados e 42 milhões de pessoas em situação de precariedade. Qualquer tipo de avaliação diz que pelo menos metade da população brasileira se encontra em situação de precariedade.

A elas se acrescenta a crise de saúde pública, que levou o país a ser o segundo no mundo em vítimas, pela total ausência de políticas governamentais que protegessem o povo da pandemia. A existência de um governo eleito de forma fraudulenta e que exerce o poder das formas mais arbitrárias e truculentas agrega uma crise política à situação atual do país.

Os indispensáveis, segundo Brecht, são os que não esmorecem nunca, os que acreditam que sempre é possível reverter as situações, por maiores que sejam as dificuldades. São os que têm liderança e credibilidade, porque nunca desanimaram, nunca caíram no pessimismo; são os que conduziram o povo a reverter as situações mais difíceis.

O pessimismo é uma postura psicológica, que seleciona e acumula os aspectos negativos da realidade e projetam um futuro catastrófico. Não tem força assim para enfrentar a realidade como ela é, que nunca tem uma única tonalidade.

O pensamento dialético ensina captar a realidade sempre como uma realidade contraditória, que combina elementos positivos e negativos. Por isso é uma realidade dinâmica, sempre em transformação, numa ou noutra direção.

Não é simples captar a realidade nas suas múltiplas dimensões. Só a prática política concreta, combinada com a capacidade de reflexão sobre suas múltiplas dimensões concretas, permite compreender a realidade e se pronunciar e propor formas e vias de transformação positiva da realidade.

Emir Sader
Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

CONSCIÊNCIA NEGRA
Costa de Andrade Barbosa
Daniel Rosa
Gomes dos Santos Tavares
Silvide Maria Pinto dos Santos
Susley de Melo Bandeira Carvalho
Shirley de Souza Almeida Trigueiro
Terezinha de Fátima Pereira dos Santos
Viturina Pereira dos Santos Silva

JUVENTUDE NEGRA: REAGIR À VIOLÊNCIA É O CAMINHO

Iêda Leal

Era o primeiro dia do mês de setembro. Na pacata cidadezinha de Monte Alegre de Goiás, um jovem negro tentava voltar pra casa. Ozenildo Dias Soares, professor da Comunidade Quilombola Kalunga, foi violentamente atacado por um aspirante a PM. Por ser negro, Ozenildo entrou para as estatísticas da violência que a cada 23 minutos assassina um jovem negro no Brasil. Em nota, o Movimento Negro Unificado (MNU) exige justiça para Ozenildo e punição para o agressor. A seguir, a nota do MNU:

MNU EXIGE PUNIÇÃO PARA POLICIAL QUE ESPANCOU E BALEOU JOVEM NEGRO, PROFESSOR DO QUILOMBO KALUNGA

O Movimento Negro Unificado (MNU) expressa seu profundo repúdio e exige punição rigorosa à violência policial sofrida por Ozenildo Dias Soares, jovem negro de 25 ano e professor da Comunidade Quilombola Kalunga, que foi covardemente espancado e baleado por um aspirante à Polícia Militar de Goiás na noite do último dia 1º de setembro, em Monte Alegre de Goiás.

A ação truculenta e injustificada foi marcada por intimidações, disparos de armas de fogo e golpes violentos contra Ozenildo que, pela gravidade dos ferimentos, precisou ser transferido para uma unidade hospitalar de Goiânia, para a realização de procedimento cirúrgico.

O aspirante a PM já estava agredindo violentamente o menor R.F.R. quando Ozenildo tentava passar por uma rua, mas não conseguiu, porque outro veículo estava parado, bloqueando o tráfego. O jovem foi obrigado a descer do carro pelo policial que, sem nenhum motivo, passou a agredi-lo na cabeça e no rosto com uma arma e, depois, já fora do veículo, atingiu seu braço com tiros.

Mesmo ferido, Ozenildo conseguiu correr e foi levado por populares para o Hospital de Monte Alegre, mas o agressor ainda perseguiu o professor e o ameaçou de morte, já dentro do hospital.

O jovem negro Ozenildo foi vítima de uma ação violenta, inaceitável, que está, infelizmente, presente no cotidiano dos jovens negros no país, nos grandes centros e no interior, e que revela as marcas perversas do racismo, que na maioria dos casos termina no assassinato da juventude negra. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil pelo simples fato de ser negro.

O MNU manifesta seu apoio e sua solidariedade ao companheiro, vítima desses crimes de lesão corporal, tentativa de assassinato e ameaça de morte, e exige das autoridades competentes a apuração urgente e rigorosa do caso, bem como o cumprimento das devidas providências.

REAJA À VIOLÊNCIA RACIAL!

PELA PUNIÇÃO DO POLICIAL!

CONTRA O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA!

PUNIÇÃO!

REAGIR À VIOLENCIA É O CAMINHO!

MNU
42 ANOS NA LUTA CONTRA O RACISMO E PELA VIDA

Iêda Leal – Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.

Ebook - Epub - Kindle

R$ 12,99

O livro Réquiem para o Cerrado narra de forma simbólica a história do Cerrado, ocorrida nas últimas décadas. Nesse mundo simbólico, mas real, o Cerrado toma a configuração de um pequeno povoado, onde a felicidade e a solidariedade andam de mãos dadas, até a chegada do grande capital, que põe fim a esse sistema de vida e deixa como herança a degradação ambiental e social.

COMPRE AGORA!

www.xapuri.info/produto/requiemparaocerrado/

WERT ALVARENGA: GENTE FORMOSA!

Iêda Vilas-Bôas

O poeta, o vicentino, o amigo experiente, o caridoso ser humano Wert Alvarenga faz parte do inventário emocional da cidade Formosa. Quem tem mais de 40 anos certamente passou pelo seu consultório de dentista prático e recebeu alívio para suas dores: as do dente ou as da alma.

Seu Wert, como é conhecido, jamais se negou a praticar seu ofício. São muitas as histórias de quem se sentou em sua cadeira de dentista e o pagou só com um muito obrigado e um Deus lhe pague!

Aqui chegou no ano de 1940, aos 8 anos de idade, juntamente com seus pais e seis irmãos, todos eles muito conhecidos dos formosenses. Quem se esquece de Washington Alvarenga? Faço aqui um aparte para parabenizar, também, seu único irmão vivo: meu vizinho querido, senhor Wagner Alvarenga, a quem deixo meu abraço e admiração.

Wert cresceu, exerceu sua profissão, formou família casando-se com Maria Barreto, com quem teve sete filhos, todos nascidos em Formosa-Goiás.

Desde jovem demonstrou gosto pela poesia e começou a escrever. Tem vários poemas publicados em revistas e jornais da região. Possui duas coletâneas gravadas em CD e dois livros publicados: Coração de Poeta (2013), e aos 86 anos publica Vagalumes do meu Sertão (2016).

É valoroso membro e um dos fundadores da Casa do Poeta Brasileiro – Seção Formosa.

Sua atuação comunitária e caritativa vem sendo reconhecida por todos. Ajudou na Creche São Sebastião, e também acudiu os presidiários e os asilos, com assistência odontológica. Prestou serviços voluntários à cidade e é membro da Associação São Vicente de Paulo, instituição que esteve sob sua presidência por nove anos. Foi também presidente da APAE.

Em 2016, sofreu grave problema gástrico que acarretou outros problemas em sua saúde, mas continua, de portas e de coração aberto, a escrever seus poemas que tratam de amor e de render homenagens aos seus afetos, que são muitos.

O corpo franzino carrega uma grande e boa alma, um ser iluminado, um pai de família exemplar, um homem apaixonado: por Deus, pela esposa, pelos filhos, pelos parentes, pelos amigos... pela vida!

Ao amigo, confrade e ser humano fenomenal, envio minha distinta consideração. Salve, Seu Wert!

Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.

Por amor.
Pela vida.
Pela família.

DIGA NÃO

ao RETORNO PRESENCIAL nas ESCOLAS

O Governo do Distrito Federal quer autorizar o retorno das atividades pedagógicas nas escolas públicas. **Com mais de 114.000 casos confirmados e 1.572 mortes no Distrito Federal**, dados do dia 4 de agosto de 2020, a possibilidade de retorno presencial preocupa professores(as), estudantes e a sociedade em geral.

O retorno presencial desrespeita completamente as diretrizes e preocupações da Organização Mundial de Saúde (OMS), de órgãos ligados à saúde e de cientistas, que alegam ser totalmente perigoso aglomerar estudantes em um momento que a curva, infelizmente, ainda está em alta. Este não é o momento de retornarmos às escolas, pois isto poderá levar muitas pessoas à morte.

Por amor. Pela vida. Pela família.
Diga não ao retorno presencial nas escolas.

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE ®
41 anos
CUT BRASIL
CNTE

Foto: Marcos Jorge Dias

O MEU BOM DESTINO

Júlia Feitoza

Meus olhos sondavam a escura floresta que teimava em fechar o varadouro (caminho) cheio de curvas e desvãos. O sol, aos poucos, ia rasgando a escuridão da madrugada e iluminava nossos passos rápidos, como deve ser o caminhar de quem foge. Fugíamos, minha mãe e eu, do sofrimento e da solidão.

A mão da minha mãe, que quase me arrastava por cima de troncos e pontas de tabocas (tipo de bambu), era quente e úmida. Igual à floresta em que estávamos perdidas. Em alguns momentos corríamos, rompendo no peito a barreira de espinhos que parecia querer nos deter. Com braços, pernas e peito sangrando, aqui e acolá trocávamos olhares, numa cumplicidade silenciosa de quem sabia que nunca mais voltaria para aquele lugar.

Enfim, o rio. Imenso, transbordante em suas águas barrentas, sussurrava em meus ouvidos vozes que contavam histórias de bichos medonhos e cobras grandes, que meus olhos de menina amedrontada procuravam nas ingazeiras que se debruçavam sobre a margem e cujos frutos me alimentaram ao longo da viagem. O barco que nos recolheu subia o rio, lutando contra a correnteza e os balseiros traiçoeiros. Rasgando com força as águas, abrindo na contramão nosso incerto futuro.

Chegamos ao porto das catraias ao entardecer, quase noite. A escadaria que existia à época era imensa, de uma altura assustadora. Meus olhos, aos poucos, foram sendo invadidos por coisas que eu não sabia o nome, cores nunca vistas, gente estranha; e, mesmo depois de acomodada para dormir, eles teimavam em não fechar.

Foi um tempo de descobertas. Tristes descobertas. Da incompreensível diferença da cor da pele, que definiu meu lugar na classe social, de rejeição pela dureza do meu cabelo e pela grossura do nariz e dos lábios que só desejavam beijos de carinho. Negra cor.

Eu trazia comigo as costas riscadas pelas chicotadas desde os porões dos navios negreiros, pela dureza da vida, e a cara enfumaçada pelo fogão a lenha das casas dos grandes senhores. Minha classe social era o borralho. A beira do fogão e o chão da cozinha eram meu destino.

Contudo, uma fada madrinha veio me salvar. A fada me deu uma classe. A chance de frequentar uma classe de escola, onde aos 10 anos conheci as primeiras letras. A escola me deu uma carruagem de ferro e fogo na qual disparei para lutar no mundo. Passados os anos, desembarquei na Universidade.

Novas descobertas. Tempo de construção de amizades que duram até os dias atuais. Obtenção de conhecimentos históricos, de concepção socialista, que me fizeram acreditar que o sol pode ser para todos, para todas. Tempo de quebrar com as mãos os arames farpados da ditatura militar, de plantar ideais em corações companheiros.

Sigo caminhando, lutando para que todas as pessoas tenham seu lugar ao sol. Luto com alegria, cantando e acreditando no ser humano e nas flores, apesar dos tratores, dos canhões e, atualmente, de novo dos fuzis.

Sigo pela vida acreditando que os sonhos, quando partilhados, deixam de ser sonhos para se tornarem realidade.

Júlia Feitoza da Silva, assim registrada, nascida nos confins do Acre, num seringal de nome Bom Destino.

Fotos: Lúcia Resende

EMPADINHAS À MODA TERESINHA RESENDE

Lúcia Resende

Era na Rua Auta Vidal, 262, que existiam as melhores empadinhas de Formosa nas décadas de 1970-80. Ali, dona Teresinha Resende, minha sogra, fazia salgados de vários tipos, mas a empadinha era sua especialidade.

Eram tempos difíceis, não havia freezer, tudo era preparado no mesmo dia, e as encomendas não cessavam. Era ela no comando, as filhas e algumas noras, eu inclusive, ajudando, sábados inteirinhos, para que as entregas não atrasassem.

O preparo começava na véspera e, na madrugada, ela deixava prontos as massas e o recheio. A gente chegava cedinho e começava a labuta. O fogão e o forno eram a lenha, uma quentura danada, e dona Teresinha sempre firme.

Na hora de desenformar, algumas empadinhas quebravam... a meninada da família e da vizinhança estava sempre por ali, pra comer e se refestelar. O dia corria afobado, e ela sempre serena.

Depois, tudo terminado, dona Teresinha ainda tinha forças pra abrir os restos de massa, cortar em pedaços pequenos e fritar, pra gente comer com o café quentinho. Era uma delícia! Tempo bom! Lembranças boas!

Foi assim que aprendi a fazer as empadinhas à moda dela, no olho, com os mesmos poucos temperos, pra conseguir aquele sabor que ainda hoje encanta quem experimenta. Pra fazer este registro, fui medindo, anotando, e aqui trago a "receita" que, garanto, é um sucesso!

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

INGREDIENTES

MASSA

1 ¼ kg de farinha de trigo
1 xícara de café de óleo
1 colher de sopa rasa de sal
3 ¾ xícaras de chá de água morna

MODO DE FAZER

Despeje 1 kg de farinha de trigo numa bacia, abra um buraco no meio, coloque o óleo, o sal, a água morna e amasse bem, até ficar uma massa bem lisa. Enrole num saco plástico e reserve.

RECHEIO

1 frango de aproximadamente 2,5 kg
3 kg de batatinha
3 colheres de sopa cheias de extrato de tomate
4 dentes de alho
3 cabeças médias de cebola
Pimenta-do-reino moída na hora, a gosto
Pimenta-de-cheiro ou outra, a gosto
Cebolinha verde, a gosto
Sal
1 lata de ervilha
1 lata de milho verde
Azeitonas

MODO DE FAZER

- ✓ Cozinhe as batatas, deixe esfriar e corte em cubos. Reserve
- ✓ Limpe bem o frango, corte em pedaços grandes, coloque numa panela. Acrescente o alho amassado com sal (cerca de 1 colher pra cada quilo de frango), o extrato de tomate, um pouco de pimenta-do-reino, cubra com água e deixe cozinhar bem. Desligue o fogo, retire o frango, reserve o caldo. Deixe esfriar e desfie, desprezando ossos e peles (pode fazer isso na véspera e manter na geladeira).
- ✓ Em uma panela grande, coloque ¾ xícara de óleo, refogue bem a cebola cortada em cubinhos, acrescente o caldo do frango, ferva bem, junte o frango desfiado e misture. Deixe esfriar um pouco.
- ✓ Em uma bacia grande, despeje a batata, o molho preparado (morno), a ervilha, o milho, os temperos, e misture com cuidado. Se necessário, acrescente mais um pouco de óleo. Regule o sal.

FINALIZANDO

Recheio e massa prontos, hora de enformar e assar. Unte as forminhas. Espalhe sobre a mesa ou bancada. Com um rolo, abra um pouco da massa até ficar fina (polvilhe farinha de trigo, pra não grudar), coloque cuidadosamente sobre as forminhas. Com uma colher, vá colocando o recheio sobre a massa, enchendo (não muito) cada forminha. Por cima, coloque um pedaço de azeitona. Forminhas cheias, abra outra massa (deixe sempre a parte da massa que não está sendo usada dentro do saco plástico, pra não ressecar), cubra as empadinhas. Com a palma da mão, pressione e corte as empadinhas, uma a uma, e coloque na assadeira. Bata 1 ovo com ½ xícara de óleo e pincele cada empada. Asse e deixe esfriar para desenformar.

Sucesso garantido, com sabor de passado, de cozinha tradicional!

Obs.: Se quiser, pode congelar.

CHICO MENDES E "ELES"

Elson Martins

Na relação que estabelecemos a partir de dezembro de 1975, mês e ano de criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, e que se prolongou até seu assassinato em dezembro de 1988, estavam presentes, sempre, o jornalista e o líder seringueiro. Mas criou-se entre nós algo transcendente, um traço que nos unia ao seringal, à floresta e aos seus moradores tradicionais. Isso nos fez aliados contra os que não reconheciam nem respeitavam nosso ignorado, mas adorável mundo.

Chico completaria 75 anos de idade em dezembro de 2019. Sou mais velho cinco anos, e carrego a culpa histórica de ser filho de seringalista. Ou seja, de ter sido um menino da "Margem", sede do seringal, contraposto ao menino seringueiro do "Centro", ou da Colocação. Como filho de seringueiro, Chico nasceu e se tornou adulto produzindo borracha, caçando, desvendando segredos da floresta.

Entre nós dois, ou entre a margem e o centro, tem uma longa história a ser contada com menos preconceito. Em algumas ocasiões, nós dois conversamos sobre o assunto. Falei a ele de algumas caras lembranças do meu tempo de criança, quando via os filhos dos seringueiros que irrompiam da mata e chegavam ao nosso barracão, onde tomavam café, almoçavam e jantavam durante alguns dias.

Eu os invejava, porque não sabia empunhar uma espingarda nem matar um nhambu que fosse, no acero da mata. Enquanto eles me pareciam heróis misteriosos, protagonistas de histórias inimagináveis para um menino da margem. Até os sapatos de seringa que usavam e a calça de mescla, "encaronchada" pelo látex e rasgada na altura da canela, compunham indumentária de sonho.

Essas memórias, explicava, se ampliavam à medida que eu, como correspondente em Rio Branco de *O Estado de São Paulo*", jornal nacional influente, a partir de 1975, começava inteirar-me das ameaças que os fazendeiros recém-chegados do Sul impunham às indefesas famílias da floresta. Cada vez mais eu me sentia parte delas, sofrido e indignado.

Ao acompanhar as reuniões da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) para criação de oito sindicatos de trabalhadores rurais no Estado, conheci mais e mais seringueiros ameaçados. Fotografei o medo e a fragilidade que estampavam no corpo imóvel, perplexo, ao mesmo tempo em que identificava as ameaças, odiando os agressores. Felizmente, a perplexidade virou resistência vencedora.

Os agressores ocupavam o melhor hotel de Rio Branco, monopolizavam os restaurantes, inundavam as ruas com sua arrogância. Era difícil ser isento no meio disso, vendo como as elites locais aplaudiam a "eles", defendendo um progresso a qualquer preço contra "nós". Pensei e agi: meu trabalho jornalístico não valeria nada se não estivesse voltado à causa acreana.

E Chico Mendes, por duas décadas, foi meu comandante em chefe nas redações onde me encontrava. A palavra dele vinha em forma de denúncia, era ordem de ataque. A verdade testemunhada e a defesa apaixonada que fazia de seu povo considerado inculto pelos urbanos, seu ânimo e coragem naturais me convenceram. O seringal está em mim, pensei, agora parto da margem para o centro. Quero crescer e brilhar junto com esses meninos de calça encharcada, de capanga de seringa ao ombro, de tino e tiro certeiros.

Para mim, Chico Mendes é um símbolo forte da tradição extrativista contra a vaidade e a arrogância do mundo desenvolvido. Ele nos ensinou enxergar o ponto de convergência dos diferentes saberes humanos. Deixou como legado aos companheiros, ecoando no mundo, a cultura da floresta composta de intuição, mito, valentia, destreza, afeto, natureza e sonho.

Na condição de filho trágico e abençoado, da mata, aprendeu a caminhar entre cipoais, gemidos e escuridão na direção de uma vida singela, comum e desejável. O futuro da Amazônia não pode prescindir dele como exemplo.

Elson Martins – Jornalista, amigo de Chico Mendes. Texto publicado em seu site www.almanacre.com/ no ano de 2019.

Foto: divulgação

Foto: divulgação

"SE MORRER UM, É UMA HISTÓRIA, UMA VIDA"

Clara Roman, , Silvia de Melo Futada

No Jalapão, agências de turismo pressionam para reabertura, enquanto comunidades quilombolas resistem. Não querem perder ninguém para a Covid-19

Em meio à pandemia da Covid-19, as comunidades quilombolas do Jalapão estão sendo pressionadas a retomar a visitação turística, mas resistem. Afinal, cada vida importa, e ninguém deve ser exposto ao risco de contaminação. Enquanto isso, empresas de turismo tentam convencer autoridades sobre a reabertura dos parques estaduais e o retorno da visitação. Mas nem sempre consideram as pessoas que habitam esses lugares.

Os quilombolas também dependiam do turismo para sobreviver, mas optaram por diversificar suas fontes de renda em vez de arriscar perder parentes para a Covid-19. Na contramão do governo brasileiro que, ao supostamente priorizar a economia, ajudou o Brasil a chegar à triste marca de 130 mil mortos pela nova doença.

Localizado no Tocantins (TO), o Parque Estadual do Jalapão tem 158.885 hectares paradisíacos, com cachoeiras, trilhas e muitas outras atrações da natureza. Na região, também há outras Unidades de Conservação fechadas desde março.

Ao longo de todo esse território, vivem oito comunidades quilombolas, que estão ali desde muito antes da criação das Unidades de Conservação. As famílias tinham participação ativa tanto no turismo tradicional quanto no de base comunitária. Além do quilombo Mumbuca, as comunidades quilombolas do Rio Novo, Carrapato, Formiga e Ambrósio, no município de Mateiros, e a comunidade Prata, em São Félix, também recebiam turistas antes da pandemia.

Em Mumbuca, onde Ana vive, a Covid-19 ainda não chegou. Isso graças ao esforço da própria comunidade, que encerrou todas as visitações. "Se morrer um, é uma história, uma vida. A gente não faz contagem de número", diz ela.

Os moradores também evitam frequentar a cidade mais próxima, Mateiros, onde já há casos confirmados. Ana descreve o perigo caso o novo coronavírus chegasse na comunidade. "Somos pessoas coletivas, grupos. Não existe um só", explica.

Por isso, a possibilidade do isolamento social dentro é muito menor. Se uma pessoa se contaminar, a chance de transmissão é muito maior. O objetivo, então, é que ninguém se contamine. Mateiros liberou o retorno das atividades turísticas para o dia 5/10. São Felix do Tocantins, para o dia 10/9.

Mumbuca decidiu permanecer fechado. Mas, caso o parque reabra e as agências tradicionais retomem a atividade, a comunidade continua ameaçada. A circulação no entorno vai aumentar, e a probabilidade é de que os casos nas cidades mais próximas disparem. E mesmo que os quilombolas não frequentem a cidade, compartilham o mesmo posto de saúde, onde podem igualmente se contaminar.

"A reabertura do turismo é de luxo, de ricos, que não estão no mesmo barco que nós. São pessoas que tão dispostas a pagar, e pagar caro. E a usufruir do que a gente sempre cuidou", afirma. Já os quilombolas só têm acesso a saúde pública da região, que não tem dado conta de responder à pandemia. "Não tem teste, não tem estrutura sanitária nenhuma", diz.

Outro receio da comunidade é ser retaliado pelas agências por sua decisão e perder espaço nas rotas turísticas. O Parque Estadual do Jalapão foi criado em 2001, assim como a UF federal como a Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins.

As comunidades já estavam nessa região há séculos, mas, mesmo assim, tiveram que parar com algumas atividades tradicionais como o plantio de roças. Isso os deixou mais dependentes do turismo e da economia externa. "A nossa forma de existir foi impactada pela criação do parque. Quando o parque foi criado não pudemos fazer as nossas roças", diz ela.

"Estamos com muito medo da retaliação dessas agências. A gente precisa sensibilizar as pessoas para entender o que estamos passando e não nos boicotar", afirma. Para isso, criaram a campanha Jalapão com Vida, com mobilizações sobretudo pelo WhatsApp e redes sociais.

A luta para se garantir economicamente não tem sido fácil. Mas, mesmo assim, a comunidade decidiu priorizar as vidas. "Todo mundo se conhece, tem relação familiar, de amizade, afetiva", conta ela.

E COMO ESTÁ A SITUAÇÃO NAS UCs FEDERAIS?

Na quarta-feira (26/8) foi publicada a Portaria ICMBio nº 890/2020, que generaliza a permissão de reabertura da visitação pública nas UCs

Foto: divulgação

federais, bastando sua inclusão na listagem do site do ICMBio e seguimento dos protocolos gerais, ou seja, sem dependência da publicação de novas normativas individuais.

As UCs federais, cuja visitação pública fora suspensa temporariamente em 24 de março, começaram a retomar atividades no início de junho. Os primeiros parques a abrirem foram os Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral (RS/SC), seguidos pelo Parque Nacional do Iguaçu (PR) e outros.

Ao todo, 14 UCs haviam retomado atividades de uso público até hoje. Em todos os casos, foram publicadas normas que trouxeram protocolos básicos de segurança como uso de máscara, álcool gel, ventilação e higienização de ambientes e equipamentos específicos para mergulho e restaurantes.

Também foram feitas orientações específicas para cada UC, como redução do número de visitantes a 30%, 40% ou 55% da capacidade usual, limitação por atrativos, fechamento de locais de visitação, além da menção aos protocolos dos estados e municípios.

Todas essas especificações podem ser vistas em nosso site, nas sessões de cada uma das UCs. Foram elas:

Parque Nacional do Iguaçu (PR)
Parque Nacional Aparados da Serra (RS)
Parque Nacional da Serra Geral (RS)
Parque Nacional de Brasília (DF)
Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
Parque Nacional da Tijuca (RJ)
APA Costa dos Corais (AL)
Refúgio de Vida Silvestre do Arquipélago de Alcatrazes (SP)
Parque Nacional de Fernando de Noronha
Parque Nacional do Itatiaia (RJ/MG)
Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
Parque Nacional do Jaú
Parque Nacional de Anavilhanas e Jericoacoara.

Dessas UCs cuja visitação pública já havia sido retomada, os Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral, reabertos em 9/6, se sobrepõem parcialmente com o território da comunidade quilombola São Roque, que optou por manter suspensas suas atividades de turismo de base comunitária com a chegada da pandemia. Com documentos que comprovam a ocupação quilombola ao menos desde 1824, a comunidade foi certificada pela Fundação Palmares em 2004 e tem seu território parcialmente declarado com cerca de 7.327 hectares.

A precaução fez com que, até o início do mês, a comunidade seguisse sem nenhum caso de Covid-19. "A terra aqui continua produzindo, com pandemia ou sem pandemia. A prioridade deve ser a saúde e barriga cheia", afirma Eliseu Santos Pereira, presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo São Roque. O Quilombo São Roque situa-se em um dos locais mais belos da região, o Vale da Pedra Branca, com diversas trilhas de diferentes graus de dificuldade e com piscinas naturais.

O TBC constitui-se de compartilhar da rica vivência da comunidade, com hospedagem nas casas familiares, visitas na roça e plantio de acordo com a fase da lua, aprendendo como trabalhar com a terra e os valores da vida comunitária. "As pessoas saem daqui com felicidade pelo que viram e aprenderam e de visitantes se tornam amigos", complementa Seu Eliseu.

No Maranhão, a Portaria do ICMBio nº 752, que normatizou as condições de reabertura do Parna Lençóis Maranhenses, especificou: "a visitação nos locais de posse de moradores tradicionais que oferecem hospedagem, alimentação ou outros serviços, somente poderá ocorrer mediante consulta e autorização expressa dos mesmos".

Clara Roman, Silvia de Melo Futada – ISA, em https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/se-morrer-um-e-uma-historia-uma-vida

VIOLA

Pedro Tierra

Viola de todo silêncio,
que canto aprisionas
nas cordas do mastro?

Que mares libertas?
Que sal de cantigas
semeias, subterrânea?

Corda de viola:
cano possível,
silenciado.

Vela, veleiro, viola,
mastro, velame,
braço aberto

em metal vermelho,
intenso metal
desesperado.

Viola-veleiro,
nave noturna,
ave sem verso,

o vento de mãos humanas
arranque das cordas
um canto de facas feridas.

PPSP, dezembro, 1975

Pedro Tierra – Poeta da Liberdade.

Foto: divulgação/ Mídia Ninja

COVID-19 LEVA ARITANA YAWALAPITI, O DIPLOMATA DO ALTO XINGU

Líder reconhecido mundialmente, que ficou duas semanas internado numa UTI de Goiânia, lutou por décadas pelos direitos dos povos indígenas

A perda do Xingu inteiro. A morte de Aritana Yawalapiti, de 71 anos, para a Covid-19, representou um duro golpe para parentes, amigos e indígenas de várias etnias. O "diplomata do Alto Xingu", uma das várias lembranças associadas a Aritana, morreu na manhã desta quarta-feira (5), depois de duas semanas de internação na UTI de um hospital de Goiânia (GO). Em nota de falecimento, a família do cacique destacou que Aritana era uma das maiores e mais antigas lideranças do Alto Xingu. A nota destaca que ele foi nomeado cacique aos 19 anos de idade, durante a década de 1980. "Ele era um dos últimos falantes do idioma tradicional de seu povo, o Yawalapiti, mesmo nome da etnia. Além de guardar a memória de sua língua natural, Aritana também falava português e outros quatro idiomas tradicionais indígenas", destacou a nota."A perda do meu tio Aritana é a perda de 98% da nossa língua. Significa para a gente muitos desmontes", lamentou a liderança Watatakalu Yawalapiti, sobrinha do grande líder, a quem também chamava de pai, em nota de pesar divulgada pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab).É ela quem resumiu que, sem a presença de Aritana, uma das maiores e mais antigas lideranças indígenas do País, a Terra Indígena Xingu se torna ainda mais ameaçada. Para ela, os jovens precisam agora transmitir os conhecimentos deixados por Aritana.

Até antes de ficar doente, Aritana tinha lançado uma mobilização para construir um hospital de campanha no Alto Xingu, para defender o seu povo contra a disseminação do novo coronavírus.

"Lutou até o último momento contra a religião do homem branco que estava entrando na nossa aldeia. É uma perda irreparável para minha família. É um buraco que se abre debaixo dos nossos pés", afirmou Watatakalu.

Na nota de pesar, a Coiab resumiu: "Era um grande defensor da luta pela preservação e perpetuação da cultura de seu povo para as novas gerações, e constantemente denunciou o efeito do desmatamento no entorno do seu território, como extinção de peixe dos rios e contaminação das águas".

A morte de Aritana teve repercussão internacional, com sites estrangeiros noticiando o óbito dele, como a agência *Reuters* e o francês *Tribune de Géneve*.

A Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (Coica), que representa nove países, também manifestou condolências em sua rede social.

Poliglota, Aritana era um dos últimos falantes de sua língua tradicional, yawalapiti, mas também se comunicava em caribe, tupi e na língua portuguesa. Isso o tornava uma liderança respeitada por outras etnias.

Ana Paula Xavante, que se identifica como prima de consideração do grande líder, ressalta que Aritana era conhecido como o "grande diplomata do Xingu", muito cordial, e apesar de cacique, escutava a todos, sendo muito democrático em suas decisões.

"O Brasil perde hoje, talvez, o indivíduo indígena mais importante. Aritana era esse homem fabuloso, íntegro, capaz de seduzir príncipes e receber reis, presidentes de Repúblicas, era uma pessoa de um grande caráter e sem vaidades", resumiu Adelino Mendez, amigo de longa data de Aritana e antropólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A promotora do Ministério Público Estadual de Mato Grosso, Solange Linhares Barbosa, que atuou na comunidade alto-xinguana, escreveu em suas redes sociais: "Lutou até o último segundo, como o grande guerreiro Yawalapiti que sempre foi. O seu legado não tem tamanho e nunca será esquecido".

O DRAMA DOS ÚLTIMOS DIAS

Em 19 de julho, Aritana estava em sua aldeia quando teve uma crise respiratória e, a partir dos sintomas, foi diagnosticado com Covid-19. Em seguida foi internado em um hospital de Canarana (MT). Ele era hipertenso. Dois dias depois, seu estado de saúde se agravou, e ele precisou ser transferido para um hospital de Goiânia (GO), que dispunha de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Como os médicos do Xingu não conseguiram UTI aérea, ele teve que fazer uma viagem de ambulância, de mais de mais de 10 horas, com um cilindro de oxigênio, até chegar à unidade em Goiânia.

"Foi uma falta de respeito do Estado brasileiro com outro chefe de Estado, por não ter conseguido a UTI aérea. Ele passou um dia inteiro em uma ambulância, com os balões de oxigênio até chegar ao hospital", criticou Ana Paula Xavante. O caso de Aritana Yawalapiti era grave. Quando foi retirado do Xingu, mais de 50% do pulmão estava comprometido pela Covid-19, lembrou Ana Paula.

Foto: divulgação/ Mídia Ninja

Foto: divulgação/ Mídia Ninja

No dia 25 de junho, Aritana perdeu o seu irmão Matarywá, conhecido como Juvenil, para a Covid-19. Ele também era outra importante liderança do Alto Xingu. A essa altura, o novo coronavírus já havia se espalhado nas aldeias Yawalapiti.

Em todo o Xingu, vivem 16 povos indígenas. São cerca de 7 mil pessoas, em 114 aldeias. Só no Alto Xingu – onde morava Aritana – residem 11 povos: Aweti, Kalapalo, Kamayurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti. A terra indígena tem 2.642 hectares de área, com fortes indícios de presença de povos isolados. A disseminação do coronavírus obrigou ao cancelamento, pela primeira vez em 50 anos, do Kuarup – o maior ritual em homenagem aos mortos entre indígenas brasileiros.

A PERDA DE UM AMIGO

À Amazônia Real, o antropólogo Adelino Mendez destacou que Aritana foi um dos grandes responsáveis, juntamente de seu pai, o cacique Kanato Tepori, pelo resgate cultural da sua etnia.

"Passou cinco anos preso, recluso dentro da sua casa, ouvindo os ensinamentos do Kanato, da mãe, dos tios e avôs paternos. Foi um homem preparado na mais alta cultura Yawalapiti, etnia que nos anos 1950 estava desaparecendo. Eles sumiram na década de 1930 e ressurgem após a chegada dos irmãos Villas Boas. Através de alguns contatos como os Kuikuros, são reagrupados, reconstituem suas aldeias e se tornam um povo importante na estrutura social e cultural do alto Xingu", explicou Mendez.

Estudioso da cultura Yawalapiti, o antropólogo ressaltou que o nome Aritana reaparece há centenas de anos, uma tradição repassada de avô a neto. "Há duzentos anos surgia no nome dele. As pessoas mencionam grandes homens chamados de Aritana. Tataravôs, bisavôs... o nome na cultura xinguana é sempre de avô a neto. Uma geração sim, uma geração não", ensinou.

"Eu vejo o Aritana como o último Aritana. Aquele cara que você quer ficar perto. Que não sabia o que era ser chefe, sabia liderar, as pessoas o ouviam, ele nunca pedia. Ele só dava. Se chegava uma melancia na aldeia, Aritana dava um pedacinho para todo mundo comer", recordou Mendez, muito emocionado. "Não era o índio da televisão, mas é o índio do amor, das pessoas. Homem político, inteligente, conhecido no mundo inteiro, que fazia tudo para não sair de sua aldeia. Foi meu irmão, ajudou na minha formação, como antropólogo, como homem", lamentou.

Marcio Camilo – Jornalista. Matéria publicada originalmente no site Amazônia Real: https://amazoniareal.com.br/covid-19-leva-aritana-

EKAMBUPI

José Gil Barbosa Terceiro

Na época em que apenas índios habitavam a região de Guadalupe, já se contavam histórias sobre uma mitológica serpente de água doce, de proporções gigantescas, que habita as profundezas da Lagoa da Salina, situada nas terras daquele município.

Apesar de seu tamanho assustador, é mais pacífica que outros monstros aquáticos, como o Minhocão e o Sucuruju, e apenas se alimenta de peixes e plantas aquáticas. No entanto, é possível que possa oferecer perigo caso se sinta ameaçado, ou se poluírem a Lagoa que habita, da qual, dizem, a criatura é guardiã. Por vezes, pode assumir a forma de um surubim maior e mais comprido do que o normal.

Após a construção da Barragem da Boa Esperança, na Usina Hidrelétrica instalada em Guadalupe, concentrou-se naquele município um grande volume de água, além de que as águas da barragem são rodeadas por córregos e vazantes. Fala-se que o monstro é visto também nessas águas, migrando, de umas para outras, não se sabe se por teletransporte místico ou se percorrendo águas subterrâneas.

José Gil Barbosa Terceiro – Folclorista. Fontes consultadas pelo autor listadas no site https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/ekambupi/

Foto: Rosa Gauditano

A'UWE TSARI

s.o.s. xavante

Centenas de Voluntários e Voluntárias

102 vídeos de apoio gravados por indigentistas, intelectuais e artistas

695 contribuições financeiras individuais, no valor de R$ 83.630,00, recebidos na Vaquinha da Campanha

15 doações financeiras de instituições e entidades solidárias, no valor de R$ 289.000,00, recebidos na Vaquinha na Campanha

Bens, produtos e serviços estimados no valor R$ 489.847,74, via Campanha

Produtos entregues diretamente nos Distritos Sanitários Indígenas (DSEIs) Xavante, Karajá, Kayapó e Xingu, no valor estimado de R$ 3.271.097, 47

NOSSO ESFORÇO SOLIDÁRIO LEVOU SAÚDE E SEGURANÇA ALIMENTAR PARA UM UNIVERSO DE 40.600 PESSOAS INDÍGENAS NOS DSEIS XAVANTE, KARAJÁ, KAYAPÓ E XINGU

#VidasIndigenasImportam

GRATIDÃO!

FETEC CUT Centro Norte

FÓRUM DE PRESIDENTES CONDISI Conselho Distrital de Saúde Indígena

FEPOIMT

DE QUE LUGAR SE PROJETAM OS PARAQUEDAS?

Ailton Krenak

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.

Não o sonho comumente referenciado quando se está cochilando ou que a gente banaliza, "estou sonhando com o meu próximo emprego, com o meu próximo carro", mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada.

Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar.

Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode iniciar nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho.

Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma conexão diferente.

Ailton Krenak – Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.

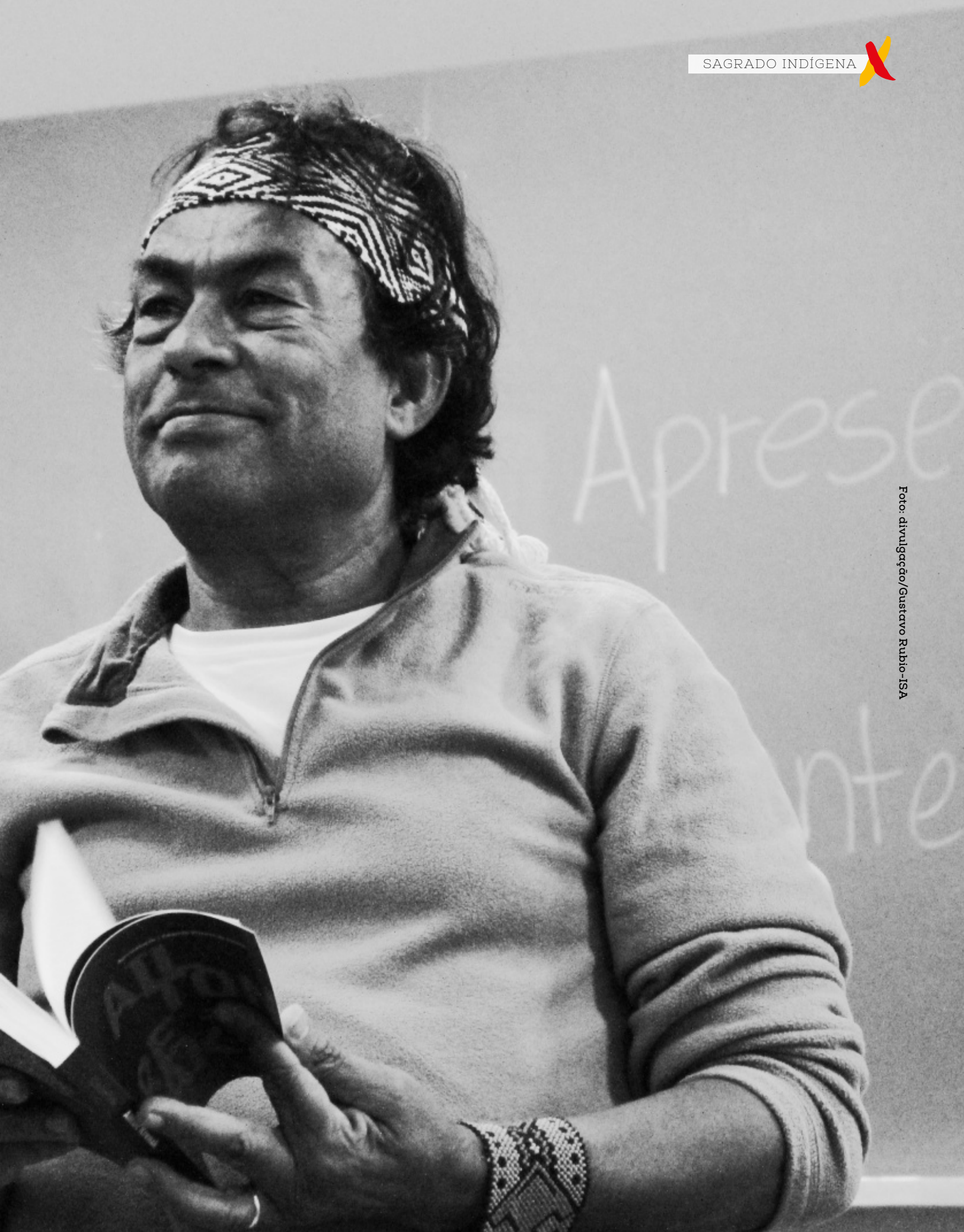


Foto: divulgação/Gustavo Rubio-ISA

Foto: divulgação

FRANCISCO DE ASSIS E FRANCISCO DE ROMA

Leonardo Boff

Desde que assumiu o nome de Francisco, o bispo de Roma eleito e, por isso, Papa, faz-se inevitável a comparação entre os dois Franciscos, o de Assis e o de Roma. Ademais, o Francisco de Roma explicitamente se remeteu ao Francisco de Assis. Evidentemente não se trata de mimetismo, mas de constatar pontos de inspiração que nos indicarão o estilo que o Francisco de Roma quer conferir à direção da Igreja universal.

Há um ponto inegável comum: a crise da instituição eclesiástica. O jovem Francisco diz ter ouvido uma voz vinda do Crucifixo de São Damião que lhe dizia: "Francisco repara a minha Igreja porque está em ruínas". Giotto o representou bem, mostrando Francisco suportando nos ombros o pesado edifício da Igreja.

Nós vivemos também grave crise por causa dos escândalos internos à própria instituição eclesiástica. Ouviu-se o clamor universal ("a voz do povo é a voz de Deus"): "reparem a Igreja que se encontra em ruínas em sua moralidade e em sua credibilidade". Foi então que se confiou a um cardeal da periferia do mundo, Bergoglio, de Buenos Aires, a missão de, como Papa, restaurar a Igreja à luz de Francisco de Assis.

No tempo de São Francisco de Assis triunfava o Papa Inoccêncio III (1198–1216), que se apresentava como "representante de Cristo". Com ele se alcançou o supremo grau de secularização da instituição eclesiástica com interesses explícitos de "*dominium mundi*", da dominação do mundo. Efetivamente, por um momento, praticamente toda a Europa até a Rússia estavam submetidas ao Papa.

Vivia-se na maior pompa e glória. Em 1210, sob muitas dúvidas, Inocêncio III reconheceu o caminho de pobreza de Francisco de Assis. A crise era teológica: uma Igreja-Império temporal e sacral contradizia tudo o que Jesus queria.

Francisco viveu a antítese do projeto imperial de Igreja. Ao evangelho do poder, apresentou o poder do evangelho: no despojamento total, na pobreza radical e na extrema simplicidade.

Não se situou no quadro clerical nem monacal, mas como leigo se orientou pelo evangelho vivido ao pé da letra nas periferias das cidades, onde estão os pobres e hansenianos, e no meio da natureza, vivendo uma irmandade cósmica com todos os seres.

Da periferia falou para o centro, pedindo conversão. Sem fazer uma crítica explícita, iniciou uma grande reforma a partir de baixo, mas sem romper com Roma. Encontramo-nos face a um gênio cristão de sedutora humanidade e de fascinante ternura e cuidado, pondo a descoberto o melhor de nossa humanidade.

Estimo que essa estratégia deve ter impressionado a Francisco de Roma. Há que reformar a Cúria e os hábitos clericais e palacianos de todas a Igreja. Mas não se precisa criar uma ruptura que dilacerará o corpo da cristandade.

Outro ponto que seguramente terá inspirado a Francisco de Roma: a centralidade que Francisco de Assis conferiu aos pobres. Não organizou nenhuma obra para os pobres, mas viveu com os pobres e como os pobres.

O Francisco de Roma, desde que o conhecemos, vive repetindo: o problema dos pobres não se resolve sem a participação dos pobres, não pela filantropia, mas pela justiça social. Esta diminui as desigualdades que castigam a América Latina e, em geral, o mundo inteiro.

O terceiro ponto de inspiração é de grande atualidade: como nos relacionar com a Mãe Terra e com os bens e serviços escassos? Na fala inaugural de sua entronização, Francisco de Roma usou mais de 8 vezes a palavra cuidado.

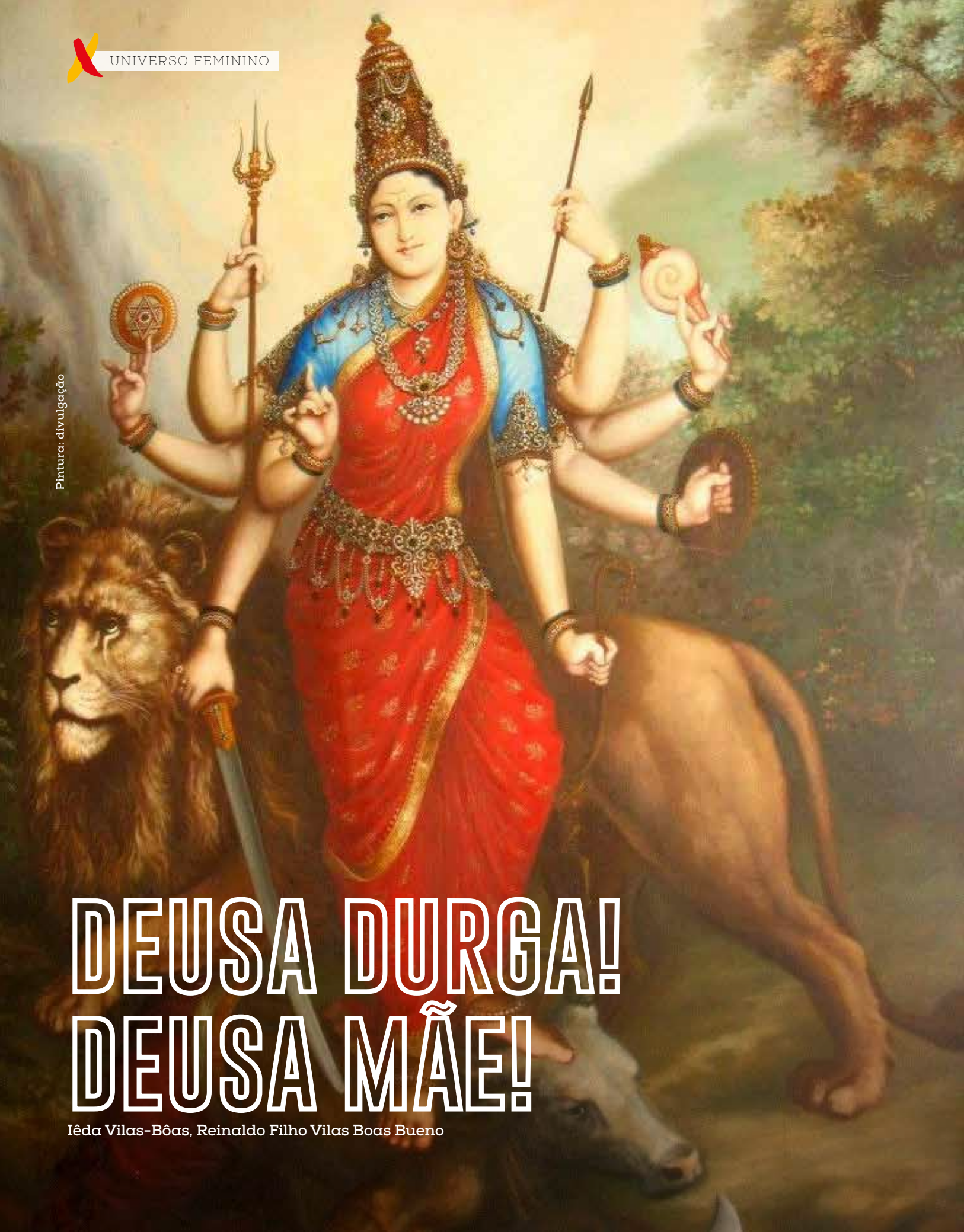
É a ética do cuidado, como eu mesmo tenho insistido fortemente em vários escritos, a que vai salvar a vida humana e garantir a vitalidade dos ecossistemas. Francisco de Assis, patrono da ecologia, será o paradigma de uma relação respeitosa e fraterna para com todos os seres, não em cima, mas ao pé da natureza.

Francisco de Assis entreteve com Clara uma relação de grande amizade e de verdadeiro amor. Exaltou a mulher e as virtudes considerando-as "damas". Oxalá inspire a Francisco de Roma uma relação para com as mulheres, a maioria da Igreja, não só de respeito, mas de valorização de seu protagonismo, na tomada de decisões sobre os caminhos da fé e da espiritualidade no novo milênio. É uma questão de justiça.

Por fim, Francisco de Assis é, segundo o filósofo Max Scheler, o protótipo ocidental da razão cordial e emocional. É ela que nos faz sensíveis à paixão dos sofredores e aos gritos da Terra. Francisco de Roma, à diferença de Bento XVI, expressão da razão intelectual, é um claro exemplo da inteligência cordial que ama o povo, abraça as pessoas, beija as crianças e olha amorosamente para as multidões.

Se a razão moderna não se amalgamar à sensibilidade do coração, dificilmente seremos levados a cuidar da Casa Comum, dos filhos e filhas deserdados, e a alimentar a convicção bem franciscana de que, abraçando afetuosamente o mundo, abraçaremos a Deus.

Leonardo Boff – Teólogo. Filósofo. Autor de *Francisco de Assis: ternura e vigor*. Vozes, 1999.



Pintura: divulgação

DEUSA DURGA! DEUSA MÃE!

Iêda Vilas-Bôas, Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno

Jai Mata Ji! Salve, Mãe Sagrada!

A Deusa Durga também é conhecida como Maa Durga (Mãe Durga): a verdadeira fonte e representação de energia feminina de poder. Literalmente, seu nome significa: a invencível. Mãe Durga ressalta, do Feminino Sagrado, seu lado protetor, a face materna que protege o mundo contra toda sorte de ameaças.

Serena, como mãe, com a sua fonte irradiante de força e energia aberta, emanando força que protege. Afinal: tudo tem de voltar para onde veio. Durga vence as guerras, contra os piores demônios, montada em seu tigre, ostentando sua confiança em seu próprio eu. Durga é muito popular entre os hindus, simboliza a Divina Mãe, e é um dos pilares principais de sustentação da fé hinduísta.

Durga foi evocada para, em um caso mitológico específico, matar aos demônios que cruelmente derrotavam a todos, inclusive aos deuses, e veio do útero da Terra, para ser o feminino que salva. Uma grande deusa salvadora. Ela, convocada, possui nove aspectos (que também são divindades por si sós) que são homenageadas durante os nove dias de seu festival, no mês de setembro. São eles: Skondamata, Kusumanda, Shailaputri, Kaalratri, Brahmacharini, MahaGauri, Katyayani, Chandraghanta e Siddhidatri.

Sendo chamada apenas de "Deusa" ou "Devi", Durga é uma energia feminina tão grande, e poderosa, que assume diversas faces e formas, e ainda possui muitos nomes: 108 exatamente. Durante os dias do festival *Durga Puja*, seus devotos rezam para seus 108 nomes. É representada de 64 formas diferentes, cada uma com seu nome. Algumas de suas imagens chegam a ter até 20 braços e três olhos.

Durga também é considerada pelos hindus como a mãe natural de Ganesha, de Sarasvati e Lakshmi. Ela é considerada a esposa de Shiva, a caçadora de demônios. Durga é descrita como um aspecto de guerreira com 8 braços, cavalgando seu poderoso tigre, carregando armas e assumindo mudras, ou gestos simbólicos com a mão. Esta forma da deusa é a encarnação do feminino e da energia criativa (Shakti). Foi Durga quem venceu o demônio Mahishasura, passando a ser respeitada, cobiçada e cultuada por todas as castas. O feminino deixa de ser visto como o fraco: é força protetora que irradia amor e, antagonicamente, cólera, quando necessário:

A deusa suprema é cultuada como energia sagrada há mais de 4.000 anos. Durga é a personificação da energia material, o poder da sabedoria, do sono e do conhecimento. No Sagrado Feminino, ela elimina a ignorância, concede brilho, inteligência, e dá intuição às suas devotas.

Conta-se que a Grande Deusa Durga é requintadamente bela. Sua imagem é extremamente brilhante, como o brilho de mil sóis, com três olhos como lótus. Possui cabelos exuberantes, com formosos e ondulados anéis, simbolizando sua livre força, e ainda tem uma pele vermelho-dourada-brilhante e um desenho da lua em quarto crescente em sua testa.

Usa um brilhante traje azul-marinho que emite raios. Seus ornamentos são lindamente esculpidos em ouro, cravejados de pérolas e pedras preciosas. Recebeu de cada deus uma arma mais poderosa como presente:

Chakram: Dado por Krishna, simboliza a justiça ou dharma.

Concha (ou búzio): Dado por Varuna, simboliza a palavra "Ohm", um mantra que indica uma conexão com o divino através do som.

Arco e flecha: Dados por Surya, representação de energia. Durga os segura na mesma mão, demonstrando seu poder sobre energia potencial e cinética.

Trovão: Dado por Indra, essa arma simboliza firmeza de espírito. O trovão pode destruir onde cai sem ser afetado, e assim deve ser o devoto de Durga, vencendo seus desafios, sem perder confiança em si próprio.

Flor de Lótus: Dada pelo oceano, a flor não está totalmente desabrochada na mão da Deusa, simbolizando uma certeza de sucesso futuro, o acordar da consciência espiritual. A flor de Lótus é uma flor que consegue nascer em meio à sujeira e representa o devoto que consegue se elevar espiritualmente em meio às adversidades.

Cajado: Dado por Yama, esse objeto representa conhecimento e intelecto afiado.

Lança: Dada por Agni, a lança destrói a negatividade e garante prosperidade.

Machado: Presente de Vishwakarma, essa arma atinge qualquer inimigo, independentemente de sua defesa. As bênçãos de Durga ajudarão quem a procura a derrotar qualquer ameaça.

Tridente (ou Trishul): Presente de Shiva, é um símbolo dos três Gunas (três qualidades em um humano): Satvva (força criativa), Rajas (manifestação) e Tamas (inércia). Os Gunas representam um triângulo de forças opostas e complementares, equilibrando a existência. Durga consegue dar a coragem necessária para lutar com seus males a alguém que está fora de sincronia com alguma dessas qualidades.

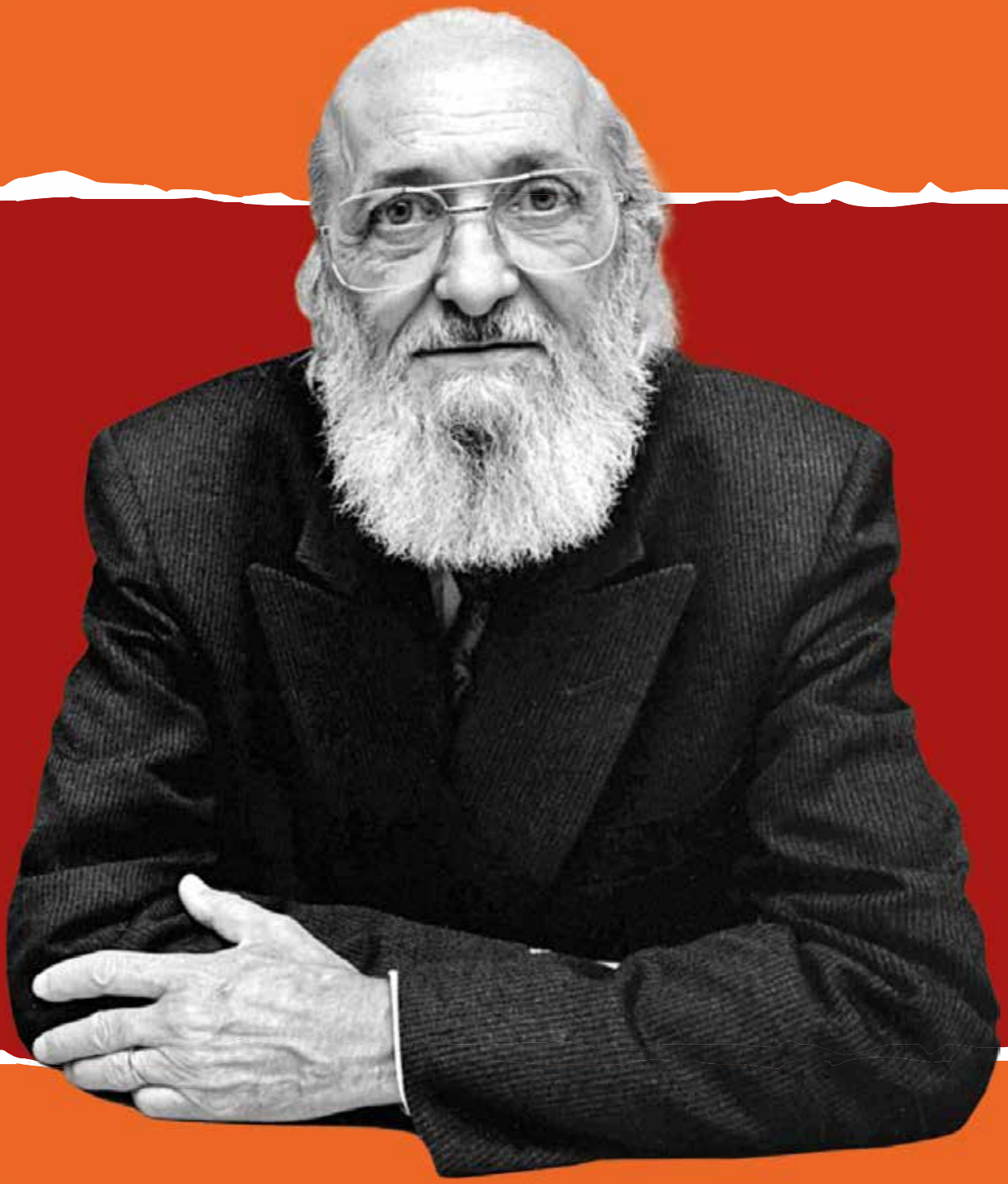
A palavra Shakti significa a força sagrada feminina, e Durga reflete o aspecto de luta, enfrentamento e força guerreira da deusa. A deusa Durga é cultuada em muitos templos de Dakshina Kannada, distrito de Karnataka. A Deusa Durga e a Deusa Kali (manifestação de Durga) manifestam uma exceção entre os deuses e deusas hindus e é um aspecto interessante a ser observado, são deusas que não são casadas. Prevalece aí o poder da energia feminina.

Atribuições comuns dadas a ela são: Deusa da força, Deusa Guerreira, Deusa da proteção, Mãe do universo. Símbolos que representam sua força e força de conexão com a vitória: Fogo, leões, tigres, vasilhas com arroz, colheres e itens amarelos em geral. Local de origem do seu mito e da perpetuação do seu culto: Índia.

Iêda Vilas-Bôas – Escritora.

Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Escritor.

SEMANA DE LUTAS PELA VIDA E PELA EDUCAÇÃO PÚBLICA



99 Anos de Paulo Freire

14 a 19 de setembro de 2020

PROGRAMAÇÃO:

14/09
Dia do Envio da Letra "i" ao Ministério da Educação (MEC)

15/09
Dia Nacional de Mobilizações da Educação em Defesa da Vida

16/09
Live da IEAL e RED ESTRADO - 11h - fb.com/cntebrasil
Jornada Latino Americana Rumo ao Centenário de Nascimento de Paulo Freire

17/09
Ato de Lançamento do Manifesto em Defesa da Educação como bem público

18/09
Plenária Nacional do FNPE
Ato Nacional do FNPE de Lançamento da CONAPE 2022

19/09
9h - Live UFPE
Ato político-pedagógico Paulo Freire em Setembro

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação Brasil
® www.cnte.org.br
Filiada à CUT BRASIL
Internacional da Educação
CEA
FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

XAPURI
CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **210**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **270**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**